



**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**Mestrado em Ensino do Português no 3º Ciclo do Ensino Básico e  
Ensino Secundário e de Espanhol dos Ensinos Básico e Secundário**

**Relatório no âmbito da unidade curricular  
Prática de Ensino Supervisionada**

**Autor:** Elsa Cristina Barroso Beira

**Orientador:** Professor Paulo Jaime Lampreia Costa

Janeiro de 2013

**Mestrado em Ensino do Português no 3º Ciclo do Ensino Básico e  
Ensino Secundário e de Espanhol dos Ensinos Básico e Secundário**

**Relatório no âmbito da unidade curricular  
Prática de Ensino Supervisionada**

**Autor:** Elsa Cristina Barroso Beira

**Orientador:** Professor Paulo Jaime Lampreia Costa

Janeiro de 2013

Para ti, **Mãe**, que me continuas a guiar pelo árduo caminho da vida.

## **Agradecimentos**

O presente relatório simboliza o culminar de uma fase da minha vida repleta de obstáculos difíceis de ultrapassar. Por isso, sinto a necessidade de agradecer a todos aqueles que participaram e me acompanharam nesta etapa.

Em primeiro lugar, quero agradecer ao Professor Paulo Costa, que com a sua orientação, atenção e disponibilidade me auxiliou na concretização deste relatório.

Aos meus alunos, pelo carinho, dedicação e esforço que fizeram por acompanhar-me no percurso do ensino e da aprendizagem.

À direção do Agrupamento de Escolas de Amareleja e aos meus colegas, pelo apoio prestado ao longo destes anos de intenso trabalho.

À minha mãe, quero agradecer o simples facto de ter sido sua filha e de ter tido o privilégio de com ela aprender a lutar pelos nossos objetivos.

Ao meu pai e irmãs, pelo carinho, amor e compreensão, mas, principalmente, por continuarem a caminhar ao meu lado incondicionalmente.

Ao meu sobrinho, pela sua inocência, pois com o seu simples sorriso apoiou-me nos momentos mais difíceis.

Aos pais do Nelson, pela atenção, carinho e auxílio demonstrados ao longo destes quatro anos de luta contínua.

Ao Nelson, por todo o seu amor, atenção, paciência, compreensão, ajuda e motivação. És, sem qualquer sombra de dúvida, uma pessoa muito especial na minha vida.

## **RESUMO**

A reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem é a temática central deste relatório. Para a sua elaboração, foi feita primeiramente uma análise cuidada de todos os documentos orientadores da prática letiva, pois são eles que nos fornecem o enquadramento que permite a qualquer educador um melhor conhecimento dos contextos educativos nos quais tem de se inserir e atuar.

Neste relatório encontramos uma retrospectiva do ano escolar transato, referindo-se todo o procedimento de preparação e execução das atividades letivas. Também é contemplado um comentário acerca da avaliação das aprendizagens realizadas pelos alunos, salientando-se a importância da avaliação formativa.

A participação na escola e o desenvolvimento profissional são outros dois tópicos abordados ao longo deste relatório da prática de ensino.

Procurámos, neste texto, articular uma dimensão descritiva com uma vertente reflexiva, fundamental na construção do professor.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Alunos, professor; ensino; aprendizagem; aulas; motivação; monitorização; avaliação; prática reflexiva; desenvolvimento profissional.

## **ABSTRACT**

### **Report within the course Supervised Teaching Practice**

The main issue of this written report is reflecting about the teaching-learning process. So as to work it out, a thorough analysis of all teaching-oriented practice documents was initially done, since they are the ones which provide us the framework that allows any educator a better knowledge of the educational background within which we have to be immersed, act and respond.

Throughout this written report we come across a retrospective of the previous school year, being mentioned all preparation and performance procedures of the learning activities. It has also been enclosed a comment on the assessment of the pupils' learning, standing out the importance of the formative evaluation.

Both the school involvement and the professional development are two other issues referred throughout this reflective teaching practice report.

In this text it was attempted to link a descriptive dimension with a reflexive perspective, both essential for the teacher's growth.

### **KEY-WORDS:**

Pupils; teacher; teaching; learning; classes, motivation; data assessment; evaluation; reflective practice; professional development.

## ÍNDICE GERAL

1. Introdução.....	8
2. Enquadramento teórico .....	10
3. Reflexão sobre a prática letiva .....	23
4. Participação na escola .....	40
5. Desenvolvimento profissional .....	45
6. Conclusão .....	48
7. Bibliografia.....	50
Anexos .....	54
Anexo I .....	55
Anexo II .....	60
Anexo III .....	67
Anexo IV .....	75
Anexo V .....	83
Anexo VI .....	88
Anexo VII .....	93
Anexo VIII .....	96
Anexo IX .....	99
Anexo X .....	101
Anexo XI .....	109
Anexo XII .....	114

---

## **1. INTRODUÇÃO**

## INTRODUÇÃO

O presente relatório assenta, sobretudo, numa reflexão sobre a experiência desenvolvida enquanto docente, nas suas diversas vertentes, e reporta-se ao ano letivo transato.

Várias etapas são consideradas neste texto, nomeadamente: enquadramento teórico; reflexão sobre a prática letiva; participação na escola e desenvolvimento profissional.

Na primeira, é feita uma análise crítica dos documentos enquadradores da prática letiva, a saber: a *Lei de Bases do Sistema Educativo*, o *Currículo Nacional do Ensino Básico*, bem como o despacho normativo n.º 17169/2011 que o revoga, as *Metas Curriculares e as de Aprendizagem*, o *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* e os *Programas de Língua Portuguesa*.

Posteriormente, faz-se uma retrospectiva de todo o ano escolar anterior, consolidando e documentando a nossa atuação à luz de vários conhecimentos partilhados por inúmeros autores. São referenciados múltiplos momentos, como a integração no ambiente escolar, a preparação das atividades letivas e a sua respetiva condução, sendo feita, também, uma avaliação das aprendizagens dos alunos. Para finalizar, ainda é analisada a prática de ensino.

Na penúltima parte, participação na escola, são mencionadas todas as atividades que marcaram o nosso envolvimento com a comunidade educativa.

Para terminar, é retratado o investimento feito no nosso desenvolvimento profissional, como forma de melhorar a prática letiva. Julgamos que a construção do professor, enquanto profissional, não pode fazer-se à margem da reflexão crítica sobre a realidade complexa e dinâmica na qual se situa. Consideramos, assim, que o presente relatório se constituiu como uma etapa fundamental no nosso crescimento profissional.

---

## **2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

## ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A educação ocupou, desde sempre, um lugar bastante relevante e primordial nas sociedades, constituindo-se a sua promoção como um indicador essencial de desenvolvimento civilizacional. É através dela que se forma qualquer ser humano, quer a nível pessoal ou social. A *Declaração Universal dos Direitos Humanos* espelha claramente a sua preponderância no artigo 26º, onde nos é referido que “toda a pessoa tem direito à educação”, reforçando-se a ideia de que “a educação deve visar a plena expansão da personalidade humana”.

“O Homem vale pela educação que possui”, nesta pequena frase assenta o ideal republicano, que sempre acreditou na força e na importância da instrução, daí que a *1ª Constituição Portuguesa*, aprovada em 19 de agosto de 1911, já contemplava no seu 11º artigo a obrigatoriedade e gratuidade do ensino primário elementar. Mais tarde, já em 2 de abril de 1976, a *Constituição da República Portuguesa* garantia a liberdade de aprender e de ensinar, através do seu artigo 43º, afirmando-se que todos têm direito à educação e à cultura (artigo 73º) e no artigo 74º refere-se, uma vez mais, que todos os homens têm direito ao ensino com garantia do direito à igualdade de oportunidades de acesso e êxito escolares.

Assim, tendo em conta toda a base legislativa atrás mencionada, está comprovada a relevância explicitamente conferida à educação. No entanto, para que esta se possa concretizar, existe uma panóplia de documentos enquadradores da prática letiva, pois não se pode, de forma alguma, dissociar a educação, em sentido mais abrangente, do processo de ensino-aprendizagem, no qual dois papéis se destacam, o do aluno e o do professor. Para que este possa desempenhar a sua função, terá de tomar conhecimento de algumas bases de referência de inegável importância, sendo elas: a *Lei de Bases do Sistema Educativo*, o *Currículo Nacional do Ensino Básico*, bem como o despacho normativo n.º 17169/2011 que o revoga, as *Metas Curriculares e as de Aprendizagem*, o *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* e, conseqüentemente, os *Programas de Língua Portuguesa*.

Enquanto professor, há que ter sempre como referência todos estes documentos, uma vez que eles deverão balizar toda a ação e atividade de qualquer docente, a fim de garantir o sucesso do processo de ensino-aprendizagem, fazendo com que os discentes

se apropriem dos conhecimentos e ensinamentos transmitidos, finalidade máxima e suprema de qualquer educador. Deve ainda o professor adotar, perante a realidade permanentemente sujeita à mudança que é qualquer contexto educativo, uma atitude que vá além da reatividade.

Ensinar é uma tarefa muito importante, logo exigirá a existência de um trabalho contínuo e planejado. Assim, torna-se necessário haver uma preparação das matérias programáticas a tratar, bem como das provas de avaliação que deverão ser sempre adequadas aos conteúdos lecionados. Daí que todos os documentos atrás mencionados necessitem de ser analisados e tidos em conta na execução da tarefa de educar, pois neles estão contidos as metas e finalidades desse mesmo ensino, bem como sugestões metodológicas com vista à concretização dos resultados visados.

Irei, então, debruçar-me atenta e reflexivamente sobre cada uma destas bases enquadradoras da prática letiva.

Assim, iniciarei a minha reflexão, olhando atentamente para a *Lei de Bases do Sistema Educativo*, [LBSE], lei n.º 46/86 de 14 de outubro de 1986. Inicialmente, é feita a definição de sistema educativo, sendo referido que “é um conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação”, reforçando, tal como foi referido no início deste relatório, que todos os portugueses têm direito à educação e à cultura, nos termos da Constituição da República, já anteriormente mencionada. É da inteira responsabilidade do Estado promover a democratização do ensino, garantindo o direito a uma igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares.

Neste documento são, também, indicadas as finalidades do ensino básico que, de um modo geral, assentam em assegurar uma formação geral comum a todos e garantir a descoberta e o desenvolvimento das suas aptidões e interesses. Encontramos então aqui a explicitação do quadro abrangente das grandes linhas que devem ser seguidas no 1º, 2º e 3º ciclos, bem como no ensino secundário e universitário. Saliento, ainda, o artigo 16º, no qual são incluídas as modalidades especiais de educação escolar: educação especial; formação profissional; ensino recorrente de adultos; ensino à distância e ensino do português no estrangeiro.

Esta *Lei de Bases* contempla, também, a educação extraescolar, tendo como objetivo permitir a cada indivíduo aumentar os seus conhecimentos e desenvolver as suas potencialidades, em complemento da formação escolar ou em suprimento da sua carência. Na *Lei de Bases* aparecem, também, incluídos os apoios e complementos educativos, mencionando a importância inegável do apoio psicológico e orientação

escolar e profissional, bem como a ação social escolar, apoio de saúde escolar e apoio a trabalhadores-estudantes.

No que concerne ao professor, esta *Lei de Bases* no seu artigo 30º refere-se aos recursos humanos, formação de educadores e professores, bem como pessoal auxiliar.

Em resumo, nesta *Lei de Bases do Sistema Educativo*, encontramos legislado tudo aquilo que se relaciona com o mundo educacional, desde os alunos aos professores, estabelecimentos de ensino e recursos educativos. Assim sendo, é a lei que estabelece o quadro geral do sistema educativo nacional.

A *Lei de Bases do Sistema Educativo* foi aprovada pela lei n.º 46/86, de 14 de outubro, e alterada pelas leis n.º 115/97, de 19 de setembro, 49/2005, de 30 de agosto, e 85/2009 de 27 de agosto. Na primeira alteração são feitas modificações ao nível do ensino superior e da formação inicial de professores. Na lei n.º 49/2005 foi feita, sobretudo, uma mudança no que concerne à organização da formação superior (Processo de Bolonha). A lei, que mais alterações trouxe, foi a lei n.º 85/2009, de 27 de agosto, onde é revogada a norma que estabelecia que a obrigatoriedade de frequência do ensino básico terminava aos 15 anos, alargando até aos 18 anos a escolaridade mínima. Tentou diminuir-se o insucesso que se verificava no ensino, promovendo a qualificação dos jovens e adultos, através do programa “Novas Oportunidades”, visando este o reconhecimento e validação de competências adquiridas em contexto profissional. Num outro plano, a Escola procurou, também, servir melhor as famílias, alargando a ocupação plena dos tempos escolares, através da oferta de atividades de enriquecimento curricular, fornecendo refeições aos alunos do 1º ciclo e revendo os apoios escolares.

Todos os outros documentos enunciados anteriormente e enquadradores da prática letiva assentam nos pressupostos presentes na *Lei de Bases do Sistema Educativo*.

Deste modo, o *Currículo Nacional do Ensino Básico*, publicado em 2001, foi assumido a partir do ano letivo 2001/2002 e nele se integram as competências a alcançar no final da educação básica. Ora, entende-se por competência, na linha do proposto por Roldão (2003), como a capacidade do aluno para, perante um problema, mobilizar adequadamente diversos conhecimentos, procedendo à sua seleção e integração, atingindo, assim, um determinado fim educativo.

Considero oportuno mencionar as dez competências que balizam este documento, sabendo que cada uma delas possui competências específicas.

1) Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano;

- 2) Usar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico para se expressar;
- 3) Usar corretamente a língua portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar pensamento próprio;
- 4) Usar línguas estrangeiras para comunicar adequadamente em situações do cotidiano e para apropriação de informação;
- 5) Adotar metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem adequadas a objetivos visados;
- 6) Pesquisar, selecionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável;
- 7) Adotar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões;
- 8) Realizar atividades de forma autónoma, responsável e criativa;
- 9) Cooperar com outros em tarefas e projetos comuns;
- 10) Relacionar harmoniosamente o corpo com o espaço, numa perspetiva pessoal e interpessoal promotora da saúde e da qualidade de vida.

O essencial, que se deve ter em conta para atingir estas diversas competências, é o envolvimento e trabalho conjunto de todas as áreas curriculares, atuando em convergência. Por essa mesma razão, cada competência geral é subdividida em modos de operacionalização transversal, onde são referidas as ações a desenvolver por cada professor. Esta operacionalização será feita na perspetiva de cada disciplina ou área curricular, tendo em conta os saberes, procedimentos, instrumentos e técnicas essenciais de cada área do saber e visando o desenvolvimento destas competências pelo aluno.

Por este motivo, podemos associar a estes documentos um outro, o Projeto Curricular de Turma; este visa adaptar cada competência a cada aluno, respeitando os seus interesses, e ritmos de aprendizagem. É dele que constam as competências a privilegiar no grupo turma, responsabilizando todos os professores das diferentes disciplinas ou áreas curriculares.

Como referi, anteriormente, para a aquisição destas competências pressupõe-se um trabalho colaborativo entre as diversas áreas curriculares. Neste ponto, a Língua Portuguesa desempenha um papel preponderante e decisivo no desenvolvimento das competências gerais de transversalidade disciplinar, uma vez que a língua materna, além de ser um importante fator de identidade nacional e cultural, o seu domínio é decisivo no desenvolvimento individual, no acesso ao conhecimento, no relacionamento social, no sucesso escolar e profissional e no exercício da cidadania.

Tal como mencionado anteriormente, estas competências gerais subdividem-se, consoante a área curricular, em competências específicas, estas estão distribuídas por ciclo (1º, 2º e 3º ciclos). No caso da Língua Portuguesa, as competências específicas assentam em quatro grandes domínios: compreensão/expressão oral; leitura; expressão escrita; conhecimento explícito da língua. Neste documento são, ainda, mencionadas variadíssimas atividades a título sugestivo, com o fim de se proporcionar a cada aluno o desenvolvimento destas competências.

Contudo, se este documento, desde o ano letivo 2001/2002 se revelou de extrema importância, sobretudo pelo papel que desempenhou ao nível do destaque conferido aos processos relativamente aos produtos, tal foi interrompido pela sua revogação, através do despacho normativo n.º 17169/2011, de 23 de dezembro, por se entender que possuía “uma série de insuficiências que não foram ultrapassadas e se revelaram prejudiciais na orientação do ensino”. Neste despacho também se refere que o *Currículo Nacional do Ensino Básico* não é claro nas recomendações que faz, possui ideias demasiado ambíguas para possibilitar uma orientação clara da aprendizagem. Todos estes motivos tornam-no, na perspetiva do legislador, num documento curricular pouco útil, visto que “desvalorizou o papel do conhecimento e da transmissão de conhecimentos, que é essencial a todo o ensino; desprezou a importância da aquisição de informação, do desenvolvimento de automatismos e da memorização; substituiu objetivos claros por objetivos vagos e difíceis de aferir”. De acordo com este despacho, o *Currículo Nacional do Ensino Básico* deixou de constituir um documento orientador do ensino básico em Portugal, por não reunir condições de ser orientador da política educativa preconizada para o mesmo. Face ao exposto, ressalvo que, no caso do ensino das línguas, a sua aprendizagem resulta, de modo incontornável, de um processo de desenvolvimento de competências; parece-nos então que os pressupostos teóricos que presidiram à elaboração do documento em análise seriam os mais ajustados. Deste modo, com a sua extinção, não podemos deixar de considerar que se terá gerado um certo vazio no que concerne ao caso concreto da aquisição das línguas.

No entanto, surge-nos recentemente o despacho n.º 5306/2012 de 18 de abril, onde é definido que o desenvolvimento do ensino será orientado por metas curriculares. Estas surgem no âmbito da revogação do documento *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*. Estas metas constituirão as referências fundamentais para o desenvolvimento do ensino, uma vez que nelas se encontra especificado o que deverá ser prioritário nos variados programas de cada disciplina.

Inicialmente, houve uma reformulação de metas nas disciplinas do ensino básico de Língua Portuguesa, Matemática, Tecnologias de Informação e Comunicação, Educação Visual e Educação Tecnológica. Estas novas metas definem os conhecimentos a adquirir e as capacidades a desenvolver pelos alunos nos diferentes anos de escolaridade.

O documento recentemente elaborado representa um meio privilegiado de apoio à planificação e à organização do ensino. É também um importante referencial para a avaliação interna e externa, sendo, desta forma, um documento de referência para o ensino e para a aprendizagem.

Estas metas curriculares estabelecem, então, o que deve ser considerado como a aprendizagem essencial a realizar pelos alunos, balizando, ainda, a ação dos professores e encarregados de educação.

As metas curriculares do Português têm como referência o Programa de Português do Ensino Básico, homologado em março de 2009. Aparecem definidas por ano de escolaridade, domínios de referência: oralidade (que contempla a compreensão e a expressão orais); leitura; escrita; educação literária (criou-se uma lista de obras e textos literários para a leitura anual, também foi disponibilizado um caderno de apoio – *Textos Literários – Poesia (3º ciclo)*) e gramática. Para cada domínio são indicados os objetivos pretendidos e os respetivos descritores de desempenho dos alunos.

Considero ainda que não será desajustado apresentar algumas reflexões em torno de um outro documento que, tendo tido, aparentemente, um carácter transitório, não deixou de se configurar como relevante. Refiro-me às *Metas de Aprendizagem*. Estas são referenciais de aprendizagem para cada ciclo escolar, espelhando uma continuidade articulada e progressiva ao longo da educação básica.

As *Metas de Aprendizagem* surgem-nos de acordo com as competências relevantes no ensino-aprendizagem da língua estrangeira, mais concretamente adaptadas aos domínios: compreensão oral; compreensão escrita; interação oral; interação escrita; produção oral e produção escrita.

Convém assinalar que, além de ser apresentada a meta final para cada competência comunicativa, existe também a presença de metas intermédias (apresentadas para cada domínio) consoante o nível de ensino em que o aprendente se encontra. Deste modo, as metas visam orientar o trabalho do professor na seleção de estratégias de ensino e na avaliação dos resultados das aprendizagens.

Há uma nítida ligação entre este documento, o *Currículo Nacional do Ensino Básico* e os *Programas de Português* do ensino básico, uma vez que se organizam em torno de

cinco competências específicas: compreensão oral; expressão oral; leitura; expressão escrita e conhecimento explícito da língua. Nos *Programas de Português* para cada competência existem descritores de desempenho que se centram em cada uma destas competências. Podemos considerar que existe uma interligação entre metas de aprendizagem, competências e referenciais de aprendizagem esperados. Estes, por sua vez, organizam-se em domínios de referência, que correspondem a grandes áreas de convergência de saberes das cinco competências essenciais. As metas de cada domínio de referência estão organizadas em subdomínios organizadores de aprendizagem, que permitem uma leitura sectorial de todos os referenciais de aprendizagem por organizador ou uma leitura mais abrangente por domínio de referência.

De características diferentes, quer pela sua natureza e génese, quer pelo seu carácter não prescritivo, o *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* é, também, um outro documento enquadrador da prática letiva de importância bastante significativa. Ainda assim, convém salientar que, segundo o meu ponto de vista, está mais direccionado para o ensino e aprendizagem das línguas estrangeiras, no entanto não devemos esquecer que a língua materna desempenha um papel crucial e essencial para a aprendizagem de qualquer língua, uma vez que não podemos esquecer que o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira contribui para o aperfeiçoamento do conhecimento da língua materna, pois aprende-se maioritariamente por comparação à língua que já dominamos. Deste modo, a aprendizagem das línguas estrangeiras contribui em grande medida para reforçar o conhecimento da língua materna, numa perspectiva de transversalidade disciplinar. Tal como se afirma no documento agora em análise “é igualmente possível defender que, em certos momentos e em certos contextos, o objectivo principal (embora não declarado) do ensino de uma língua estrangeira é o aperfeiçoamento do conhecimento e do domínio da língua materna”.

O *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*, daqui em diante designado de QECR, foi uma obra elaborada pelo Conselho da Europa no âmbito do Projeto “Políticas Linguísticas para uma Europa Multilíngue e Multicultural”. Foi publicado em 2001, tendo a sua edição constituído uma celebração do Ano Europeu das Línguas (AEL 2001). Este documento é visto como um instrumento linguístico essencial para a harmonização do ensino e da aprendizagem das línguas, tornando-se, desta forma, num guia indispensável para qualquer professor que ensine Línguas Estrangeiras e até mesmo a própria Língua Portuguesa. A sua conceção assenta em três linhas orientadoras: a aprendizagem, o ensino e a avaliação.

O QECR fornece-nos uma base comum para a construção de programas, linhas de orientação curriculares necessárias para a elaboração de exames, manuais, entre outros instrumentos de ensino-aprendizagem. É um documento de extrema importância, dado que tenta uniformizar o ensino-aprendizagem das várias línguas, permitindo, ainda, a sua correta avaliação. Para tal, fornece-nos uma descrição daquilo que os aprendentes de uma língua têm de aprender e define os níveis de proficiência que permitem medir os progressos dos discentes em todas as etapas da aprendizagem. Assim, é um instrumento necessário e útil para auxiliar escolas, júris de exames (entre outros), na tentativa de estabelecer um trabalho de entajuda e cooperação, quer ao nível do reconhecimento das qualificações em línguas, quer na coordenação de esforços e de trabalho. “Conseguir maior unidade entre todos os seus membros” através da “adopção de uma acção comum na área da cultura” (QECR, 2001), este é o objetivo geral deste documento de suma importância num espaço europeu no qual as fronteiras físicas são cada vez menos uma barreira.

Inicialmente há que dominar os conceitos de plurilinguismo e multilinguismo, já que estes marcam presença em todos os documentos decorrentes desta reflexão. Por plurilinguismo entende-se o domínio de uma competência comunicativa, ou seja, o domínio de línguas que se interrelacionam e interagem. “O plurilinguismo tem que ser visto no contexto do pluriculturalismo” (QECR, 2001:25), pois a língua é um meio de acesso a manifestações culturais. Na competência cultural, as diferentes culturas contrastam e interagem, dando origem a uma competência pluricultural, da qual a competência plurilingue é uma componente. Ser plurilingue significa, então, ter desenvolvido competências recetivas e produtivas em várias línguas com níveis de desempenho diferentes.

Já o multilinguismo prende-se com o simples conhecimento de um certo número de línguas ou a coexistência de várias línguas numa dada sociedade. Uma possibilidade de promover o plurilinguismo num contexto educativo concreto poderia passar, por exemplo, por uma oferta diversificada de várias línguas numa escola, incentivando os alunos a aprender mais do que uma língua estrangeira.

Neste documento apresenta-se ainda uma visão bastante relevante no que respeita à perspectiva a adotar perante o erro no processo de aprendizagem de uma língua, clarificando-se a diferença entre o que será um erro e uma falha, ao afirmar-se que na situação em que “o aprendente comete erros, o seu desempenho (performance) está de acordo com a sua competência, tendo desenvolvido características diferentes das

normas da L2. As falhas, por seu lado, ocorrem no desempenho, quando o utilizador/aprendente é incapaz de pôr em prática correctamente as suas competências como pode ser o caso de um falante nativo.” (QECR, 2001: 214). Este posicionamento permite destacar a importância do erro enquanto possibilidade de construção de aprendizagem e não como algo que deverá ser banido do processo. Será assim um importante “índice de aprendizagem transitório e uma prova de que a aprendizagem se está a processar eficazmente.” (Mira & Mira, 2002: 16).

Não podemos dissociar a aprendizagem de uma língua do desenvolvimento de capacidades, visando a promoção de uma efetiva competência comunicativa. Por competências entende-se, neste contexto, o “conjunto dos conhecimentos, capacidades e características que permitem a realização de acções” (QECR, 2001). Assim, há uma clara ligação entre este documento e o *Currículo Nacional do Ensino Básico*, pois as competências adquirem um lugar de suma importância, uma vez que, através delas, se possibilita que o aluno construa a sua identidade pessoal e social, adquira a capacidade de participar na vida cívica (de forma livre, responsável, solidária e crítica), aprenda a valorizar e respeitar a diversidade dos indivíduos e dos grupos, bem como as suas opções, dando valor às diferentes formas de conhecimento, comunicação e expressão, sabendo apreciar esteticamente o mundo, desenvolvendo a sua curiosidade intelectual (gosto pelo saber, trabalho e estudo), sabendo, também, preservar o património cultural e natural, bem como valorizá-lo e, por fim, dar realce, também, à relação entre aprendizagem e princípios éticos. Estas competências estão também baseadas nos pressupostos da *Lei de Bases do Sistema Educativo*. Verificamos através das ideias veiculadas no *Currículo Nacional do Ensino Básico* (ainda que tenha sido revogado, até ao presente ano letivo sempre fez parte da minha prática letiva) que estas competências permitem e possibilitam a integração numa sociedade pluricultural.

Além de todos os documentos já mencionados, guardei propositadamente para o final deste breve enquadramento, duas das bases, no meu ponto de vista, essenciais e de grande importância para toda e qualquer prática letiva: os dois *Programas de Português*. Como é do conhecimento geral, neste momento estão em coexistência dois *Programas de Português*, um que começou a ser lecionado, no ano letivo 2011/2012, no 1º, 2º, 5º e 7º anos, e o mais antigo que continuou a ser ministrado nos outros anos de escolaridade.

O *Programa de Português* mais antigo foi aprovado pelo despacho n.º 124/ME/91, de 31 de julho, publicado no *Diário da República*, 2ª série, n.º 188, de 17 de agosto. Este

encontra-se dividido em dois volumes: Volume I – Organização Curricular e Programas e Volume II – Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem.

No primeiro volume, encontramos a nota introdutória, as finalidades, os objetivos, a explicitação dos domínios, os conteúdos nucleares e o seu peso relativo à orientação metodológica, os princípios gerais, a descrição do processo e o objeto da avaliação.

Neste programa, “a língua materna é reconhecida como elemento mediador que permite a nossa identificação, a comunicação com os outros e a descoberta e compreensão do mundo que nos rodeia.” Ora, é fácil compreender que o domínio da língua materna condiciona o sucesso escolar, pois ela é vista como o factor de transmissão e apropriação dos diversos conteúdos disciplinares. É através da língua materna que aprendemos, é ela que nos possibilita essa mesma aprendizagem. Uma vez mais, encontramos a subdivisão nos quatro domínios: ouvir / falar / ler / escrever. Estão presentes em blocos distintos, mas obviamente é pressuposta uma prática integrada. São, ainda, indicados os objetivos gerais, bem como as suas finalidades, de acordo com os vários domínios.

No que respeita aos conteúdos, estes assentam nos variados domínios, a saber: comunicação oral (expressão verbal em interação; comunicação oral regulada por técnicas; compreensão de enunciados orais), leitura (recreativa; orientada; para informação e estudo), escrita (expressiva e lúdica; para apropriação de técnicas e modelos; aperfeiçoamento de texto), comunicação oral e funcionamento da língua. São feitas, ainda, propostas de obras para leitura orientada, devendo selecionar-se entre três a cinco obras das várias indicadas.

O segundo volume é constituído pelo plano de organização do ensino-aprendizagem e por um conjunto de sugestões bibliográficas. Este volume retoma, integrando nos domínios, os objetivos e conteúdos nucleares, agora especificados e com indicação dos processos de operacionalização. Assim, para cada domínio, são apresentados objetivos, de acordo com o ano de escolaridade, os respetivos conteúdos e processos de operacionalização correspondentes. São, ainda, fornecidas, tal como no primeiro volume, indicações de obras para leitura orientada.

No que concerne ao *Programa de Português* mais recente, este foi homologado em março de 2009 e entrou em vigor no ano letivo 2011/2012, para o 1º, 2º, 5º e 7º anos de escolaridade. Não é nada mais do que uma revisão do programa que até então vigorava (e ainda vigora nos restantes anos de escolaridade). Considerou-se de extrema necessidade efetuar-se esta revisão, na medida em que se deve ter em linha de conta os

novos resultados de análises sobre práticas pedagógicas, avanços metodológicos que a didática da língua tem conhecido, bem como a reflexão entretanto produzida em matéria de organização curricular. Esta revisão tomou como ponto de partida os programas de 1991, formulando novas abordagens entendidas como mais adequadas à realidade e às circunstâncias atuais do ensino e da aprendizagem do Português.

Desta forma, o novo *Programa de Português* comprova que a situação educativa é dinâmica e permeável a realidades sociais e culturais em permanente mudança, o que significa que este mesmo programa será, um dia, substituído por outro e assim sucessivamente, uma vez que o processo de ensino-aprendizagem deverá acompanhar o progresso social e cultural, mantendo a sua constante atualidade para bem servir os seus fins educativos.

Tendo em conta o exposto anteriormente, desde 2007 assistimos ao desenvolvimento do Plano Nacional de Leitura, uma iniciativa do Governo, sob a responsabilidade do Ministério da Educação e da Cultura. O Plano Nacional de Leitura assume como “objetivo central elevar os níveis de literacia dos portugueses e colocar o país a par dos nossos parceiros europeus”. Esta ligação é claramente assumida por este novo programa.

Tal como no programa anterior, os três ciclos traduzem uma progressão constante, nunca se defendeu a existência de aprendizagens estanques, por isso, também este programa se encontra organizado por ciclos, tal como o anterior.

Neste novo programa, existem quatro eixos de atuação: experiência humana; comunicação linguística; conhecimento linguístico e conhecimento translinguístico (relação da língua com a aquisição de outros saberes).

Uma vez mais, encontramos a divisão por domínios: compreensão do oral; expressão oral; leitura; escrita e conhecimento explícito da língua. Todos estes domínios são acompanhados por descritores de desempenho, que não são mais do que aquilo que o aluno deve ser capaz de fazer. Há, desta forma, uma clara ligação entre competências, descritores de desempenho e conteúdos.

No respeitante aos conteúdos, estes assentam nos variados domínios, a saber: compreensão / expressão oral (escutar para aprender e construir conhecimento; falar para construir e expressar conhecimento; participar em situações de interação oral); leitura (ler para construir conhecimento(s); ler para apreciar textos variados; ler textos literários); escrita (escrever para construir e expressar conhecimento(s); escrever em termos pessoais e criativos) e conhecimento explícito da língua (plano da língua,

variação e mudança; plano fonológico; plano morfológico; plano das classes de palavras; plano sintático; plano lexical e semântico; plano discursivo e textual e plano da representação gráfica e ortográfica). Tendo em conta o último domínio, em 2008, foi publicado o *Dicionário Terminológico*, documento que fixa os termos a utilizar na descrição e análise dos diferentes aspetos do conhecimento explícito da língua, é por este motivo que o próprio programa nos conduz para esse mesmo dicionário terminológico, para esclarecimento de dúvidas ou para conhecimento das novas terminologias.

Em suma, é nestes dois *Programas de Português* que encontramos diretamente os conteúdos a lecionar e as competências comunicativas a desenvolver, indispensáveis quer para o domínio da língua materna, quer para a organização da atividade letiva do professor. Parece-nos contudo importante referir que o professor tem, muitas vezes, de procurar encontrar possibilidades de diálogo coerente entre documentos que estão fundados em pressupostos teóricos diferentes e, não raras vezes, com um razoável grau de incompatibilidade; as incongruências verificadas entre estes textos enquadradores, nomeadamente entre CNEB, programas e metas serão, em grande medida, resultantes do facto de terem sido produzidos em momentos distintos, sem que os mais abrangentes se constituíssem como referência na produção daqueles que, de forma mais direta, se apontam para as práticas, como é o caso dos programas. A título de exemplo, veja-se que, apesar de os novos programas de Português estarem em consonância com o CNEB, a revogação deste último volta a introduzir algum ruído a este nível.

Estão, assim, expostos neste enquadramento os documentos julgados como mais relevantes na regulação da prática letiva, devendo salientar que conhecer estes textos é algo, indubitavelmente, de extrema importância para qualquer educador.

Contudo, enquanto professores não basta conhecer meramente estes orientadores do processo de ensino-aprendizagem, há que ter em conta que todo o processo de aprendizagem é contínuo e individual. Um falante de uma língua não tem exatamente as mesmas competências, nem as desenvolve da mesma forma.

Enquanto docentes, deveremos dar realce às metas de aprendizagem (em resumo finalidades do processo de ensino-aprendizagem), como também a todas as competências a desenvolver pelos discentes (não nos limitando única e exclusivamente à competência comunicativa), já que o trabalho do educador não pode, de modo algum, limitar-se somente ao aperfeiçoamento da língua materna, mas sobretudo dotar o aluno de capacidades e auxiliá-lo a “crescer” a todos os níveis: humano, pessoal e social.

---

### **3. REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA LETIVA**

## **REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA LETIVA: Preparação, Execução e Avaliação dos Alunos**

ENSINAR É...

*" um exercício de imortalidade.*

*De alguma forma continuamos a viver  
naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo*

*pela magia das nossas palavras.*

*O professor assim, não morre jamais."*

Rubem Alves

Falar sobre a prática letiva é algo extremamente complexo, uma vez que todo e qualquer professor, além de ter necessariamente em conta todos os documentos enquadradores atrás mencionados, tem obrigatoriamente de construir a sua identidade enquanto educador. Ser professor é muito mais do que lecionar aulas, transmitir conhecimentos, é acima de tudo ter a capacidade de preparar, organizar, executar o que foi programado e finalmente avaliar, não esquecendo a vertente humana, não menos importante que qualquer uma das etapas atrás citadas.

Antes de iniciar a reflexão sobre a prática letiva do ano anterior, convém, antes de mais, especificar que a minha tarefa foi iniciada no dia 1 de setembro de 2011 na Escola Básica Integrada de Amareleja – Agrupamento de Escolas de Amareleja, com vinte e duas horas semanais.

A minha integração foi rápida, uma vez que este era o terceiro ano que me encontrava a lecionar neste Agrupamento, logo já conhecia praticamente todo o corpo docente e não docente da escola. Convém ressaltar que uma das minhas primeiras preocupações é estabelecer uma boa relação (ou seja, tentar criar um ambiente que predisponha os alunos e os seus intervenientes para a aprendizagem) com toda a comunidade educativa, pois esta tem um valor inegável. Trabalhar com seres humanos é uma tarefa repleta de desafios, pois cada um tem a sua própria maneira de ser, agir e pensar, logo saber

respeitar os outros e aceitá-los é meio caminho andado para alcançar a nossa finalidade: educar.

No ano letivo transato, foi-me atribuído o seguinte serviço: uma turma de 8.º ano de Língua Portuguesa (turma B); duas turmas de 9.º ano de Língua Portuguesa (turmas A e B); uma direção de turma (9ºA); uma hora letiva para efetuar substituições e duas horas de apoio à disciplina de Língua Portuguesa.

Um dos meus objetivos, ao longo de todo o ano, foi proporcionar um ensino individualizado, procurando uma atuação coerente, tendo em conta a diversidade e especificidade do público-alvo.

Conhecer a realidade com que vamos trabalhar é fundamental, daí que devamos estar a par do que se passa com os nossos alunos nas suas mais variadas vertentes: pessoal, familiar, económica e cultural. Devemos, ainda, conhecer as suas motivações e interesses, sabendo a partir daqui o que podemos, eventualmente, esperar deles e o que se torna necessário para os conseguir cativar, motivar e empenhar. Não podemos esquecer que estabelecer uma boa relação pedagógica com os nossos alunos facilita, sem qualquer dúvida, o processo de ensino-aprendizagem, daí esta ser sempre uma das minhas preocupações. Como é afirmado por Vygotsky (1991), a relação professor – aluno é fundamental em todos os níveis e modalidades de ensino, através dela o aluno pode ser motivado a construir o seu conhecimento. A relação entre educador - educando não dever ser baseada numa imposição, mas sim em cooperação, respeito e crescimento, devendo o aluno ser visto como um sujeito interativo e ativo no seu processo de construção do conhecimento. Quanto ao papel do professor, este poderá, preferencialmente, ser encarado como um mediador, que possibilita progressos no desenvolvimento dos seus discentes.

Seguidamente, farei, uma brevíssima caracterização das turmas que me foram atribuídas.

A turma B, do 8º ano, constituiu-se por dezassete alunos que manifestavam, na sua globalidade, muito interesse na aquisição dos conhecimentos. Neste grupo também estava integrado um aluno com necessidades educativas especiais de carácter permanente (discente abrangido pelo decreto-lei 3/2008, de 7 de janeiro, que define os apoios especializados a alunos com necessidades educativas especiais permanentes).

No que concerne ao 9º ano, a turma A tinha vinte e dois alunos e a B possuía vinte e quatro discentes. Pode dizer-se que os dois grupos eram heterogéneos, pois tinham elementos muito atentos, participativos e empenhados, no entanto também deles faziam

parte alunos um pouco menos trabalhadores e que apresentavam algumas dificuldades na aquisição de novos conhecimentos.

Além de ser fundamental estar a par dos gostos, interesses, motivações e dificuldades dos nossos alunos, devemos também verificar o conhecimento prévio dos discentes, no início do ano letivo. Neste sentido recorreremos à avaliação diagnóstica, mediante a aplicação de um teste de diagnóstico com a finalidade de constatar os pré-requisitos necessários de conhecimento ou habilidades imprescindíveis que os alunos possuem para a preparação de novas aprendizagens. Não considero, contudo, que a avaliação diagnóstica seja pertinente apenas no início do ano escolar; sempre que necessário devemos recorrer a este tipo de diagnose.

Também o ato de planificar se revela como estruturante e fundamental, daí que devamos “Definir com clareza o que se pretende do aluno, da turma ou do grupo” (Braga, Vilas-Boas, Alves, Freitas, Leite, 2004). Planificar é importante: para o professor, é uma forma de organizar o seu trabalho, refletir sobre os conteúdos, métodos, materiais, expectativas e competências a desenvolver nos alunos; para a escola, pois torna possível um trabalho consciente de todos os docentes e permite a coordenação disciplinar e, para os pais, a fim de que estes percebam melhor porque é que os filhos aprendem determinados conteúdos e, desta forma, poderem acompanhá-los melhor, participando mais conscientemente na vida escolar (Braga, et al., 2004).

Ao longo do ano letivo preparei as matérias programáticas a tratar. Uma vez que um professor deverá ser, também, um investigador. Nesta medida, convém procurar estarmos informados sobre o que vamos lecionar, pesquisando e atualizando os nossos conhecimentos, uma vez que a mudança é um fator a ter em conta.

Julgo ainda oportuno referir que, mesmo antes das aulas se iniciarem, elaborei uma planificação anual específica para cada ano a lecionar, construindo, também, uma planificação trimestral, onde se subdividem os três períodos letivos. Nestes documentos são indicados os diferentes domínios/competências; conteúdos; processos de operacionalização; recursos, avaliação e tempo. Para além da visão mais abrangente que este tipo de planificações implica, destacamos que é obrigatória a disponibilização das mesmas e a sua entrega à coordenadora de departamento, para que sejam analisadas e posteriormente aprovadas em conselho pedagógico. Como forma de organizar a minha atividade escolar, além destas planificações, elaboro outras mais específicas, tendo em conta a unidade a lecionar (ver anexo I) e as variadas aulas que vão sendo ministradas. Nos planos de aula tive em especial atenção os pré-requisitos dos alunos, conhecidos

através da diagnose, bem como as dificuldades ou necessidades detetadas na avaliação formativa, pois não podemos esquecer que é esta que determina o sucesso de todo o processo de ensino-aprendizagem, mas relativamente a este mesmo assunto debruçar-me-ei um pouco mais à frente.

Assim, no que se prende com todas as planificações, tenho sempre em linha de conta todos os documentos enquadradores da prática letiva e estes estão bem presentes nos planos feitos ao longo de todo o ano letivo. É de salientar que, neste ano letivo, apesar de conhecer o novo programa de Língua Portuguesa, ainda não trabalhei com ele, uma vez que possuía turmas do 8º e 9º anos de escolaridade.

Ao planificar, procurei utilizar estratégias diversificadas adaptadas às diferentes turmas, tendo sempre em conta que, mais do que transmitir conhecimentos já feitos, é preciso ensinar a pensar e, sobretudo, haver uma interrelação entre o pensar e o agir, de modo a levar o aluno a apropriar-se dos conteúdos de forma ativa e criadora.

Deste modo, elaborei materiais de ensino-aprendizagem diversificados, construídos tendo em vista a adequação aos conteúdos programáticos e ao desenvolvimento das competências previstas nos textos legais. Para além disso, tentei articular competências a desenvolver, conteúdos, estratégias, atividades e avaliação, adequando-os à faixa etária dos alunos (a idade dos alunos é importante para a adequação das estratégias a utilizar), bem como aos seus interesses e, principalmente, às suas dificuldades e necessidades.

Utilizei, ainda, meios audiovisuais (nomeadamente pesquisas na Internet, Powerpoints (ver anexo II), visualização de filmes e documentários, audições) que, pelas suas funcionalidades, enriquecem as aulas, pois permitem explorar situações diferentes e têm uma receptividade muito positiva por parte dos discentes.

A utilização de estratégias didáticas interessantes e adequadas a este nível de lecionação, como o visionamento de excertos de documentários, audição de músicas, leitura de textos de apoio, projeção de imagens e realização de jogos didáticos, constituiu uma preocupação basilar, aspeto que se revela sempre produtivo e culturalmente motivador.

Todos estes recursos destinaram a facilitar a aquisição do conhecimento científico por parte dos alunos, atribuindo-lhes um papel ativo na construção desse mesmo conhecimento, incrementando, ou procurando incrementar, a sua motivação pela disciplina.

Comuniquei sempre com os alunos utilizando uma linguagem cientificamente correta (de acordo com a terminologia prevista nos textos legais) e adequada à sua faixa etária, potenciando um desenvolvimento máximo das aprendizagens a todos os alunos, envolvendo os discentes com mais facilidade de aprendizagem no apoio aos que revelavam mais dificuldades.

As competências de aprendizagem definidas pelo programa da disciplina que lecionei foram sendo ajustadas em função das necessidades específicas de cada turma e alunos, assim como as estratégias e metodologias de trabalho a aplicar no processo de ensino-aprendizagem.

Na concretização das atividades letivas, estimei a participação de todos ao integrar e valorizar as suas intervenções e, como a avaliação não se cinge aos resultados obtidos nas provas de avaliação, valorizei sistematicamente a atenção, o interesse e o empenho demonstrados, bem como a participação nas aulas e nos trabalhos propostos, a assiduidade, a pontualidade e as atitudes.

Aprender uma língua é dominar um instrumento de comunicação, logo dediquei muitos momentos a exercícios de prática das quatro competências de comunicação, nomeadamente: expressão / compreensão orais e expressão / compreensão escritas.

Ao longo do ano letivo, vários foram os instrumentos utilizados para avaliar as aprendizagens dos alunos. A destacar, a realização de testes (ver anexos III e IV) e fichas de avaliação (ver anexo V), fichas de trabalho (ver anexo VI), produção escrita (ver anexo VII), avaliação de leitura, exercícios de compreensão oral (ver anexo VIII) e a realização de trabalhos de grupo, pares e individuais. Todos estes elementos serviam para diagnosticar o grau de aprendizagem dos diferentes discentes, para uma possível perceção de dificuldades e superação das mesmas.

Planificar é essencial para o trabalho de qualquer docente; contudo é no decorrer das próprias aulas que levamos os nossos alunos ao caminho da descoberta do conhecimento. Assim, como qualquer profissional do ensino, dou grande relevância ao decorrer de uma aula e nomeadamente ao ambiente criado. O clima da sala de aula é fundamental para a aprendizagem dos alunos. Para que se possa criar um ambiente de cumplicidade e entreajuda, as primeiras aulas são essenciais, uma vez que é nelas que nos conhecemos, não só o professor conhece os seus alunos, mas também é fundamental o processo inverso. As regras comportamentais são algo a ter em linha de conta, os alunos têm de as respeitar para que se possa criar um ambiente de sala de aula propício à aprendizagem. Contudo a minha experiência profissional, apesar de não ser muito

alargada, tem vindo a demonstrar que, em determinado perfil de alunos, falar exageradamente sobre regras é algo contraproducente, pois desperta neles a vontade de as transgredir.

O que me esforço por criar são rotinas (relativas a momentos específicos da aula, nomeadamente quando se pretende proceder à articulação e/ou transição de conteúdos programáticos). Estas são delineadas, preferencialmente, na primeira aula, assim os alunos saberão à partida que no início de cada lição existirá um breve momento dedicado à revisão do que foi feito na aula anterior, como forma de, tanto eles como eu, nos apercebermos do que foi corretamente apreendido ou não, retomando o seguimento da aula com base nesse mesmo pressuposto. É importante que todos os agentes que participam no processo de ensino-aprendizagem tenham consciência dos conhecimentos adquiridos. Os alunos são também informados de que têm obrigatoriamente um livro para ler por período letivo, e pela primeira vez neste último ano letivo, fui eu quem escolheu o livro para cada ano e para cada período, não os deixando escolher livremente. Tomei essa opção a partir da observação de anos anteriores: os alunos escolhiam os livros que estavam resumidos na internet ou a partir dos quais já existiam filmes, logo a intenção de leitura não era devidamente cumprida. Os alunos são, ainda, informados que todos os meses têm de escrever um pequeno texto. Para esta tarefa podem escolher livremente a temática da produção escrita. Entendemos que a prática sistemática e intencional de produções escritas de natureza diversificada constitui-se como fundamental no desenvolvimento de competências nesta área.

Tal como já referi, a minha aula decorre baseada em rotinas, primeiramente abrir a lição, fazer um resumo do que foi lecionado na aula anterior, através de uma conversa que parece ser informal, ou através de questões dirigidas, quando me apercebo de que algum aluno não acompanhou devidamente a matéria. Por vezes, utilizo outra metodologia, ou seja, em vez de falarmos sobre o assunto visado, faço questões e os discentes respondem, escrevendo numa folha de papel, que depois pode ser recolhida e corrigida por mim, ou como faço algumas vezes, as folhas de resposta são trocadas pelos alunos e eles fazem a correção das respostas dos colegas, ou então, a sua auto-correção.

Posteriormente, a aula avança para ser(em) lecionado(s) o(s) conteúdo(s) programado(s) e planificado(s) para essa mesma aula.

No que concerne à organização do espaço da sala de aula, no início do ano deixo os alunos escolherem de forma livre os seus lugares, explicando-lhes que se mantiverem

uma atitude empenhada e envolvida na dinâmica da aula, nunca farei alterações, ou seja, logo de início procuro que sintam que confio inteiramente neles, o que, na minha opinião é muito importante. Não faço juízos de valor antes de os conhecer, mesmo que tenha informações em contrário, tento evitar que se sintam penalizados pelo comportamento e atitudes do ano anterior. Julgo que desta forma, logo nos primeiros momentos consigo cativá-los, o que é para mim imprescindível. Eu necessito que os alunos confiem em mim, e não há melhor forma do que lhes dar o exemplo a seguir. Caso tenha que alterar a disposição dos alunos na sala de aula, nunca se vão sentir injustiçados ou ficar zangados, pois foi-lhes dada a hipótese de mudar.

Relativamente à gestão do tempo, esta é sempre bem planeada nas múltiplas planificações (já referidas anteriormente). Contudo, por vezes há pequenas alterações e imprevistos, mas é aí que se testa, julgo eu, um verdadeiro educador; este deve adaptar-se às circunstâncias e, se um determinado aluno ou grupo de alunos não está a compreender bem a matéria, há que parar o ritmo da aula e fazê-los perceber que, neste jogo de aprendizagem, eles são as peças fulcrais. Até hoje não tenho sentido grandes dificuldades na gestão do tempo ou de imprevistos. Assim que conheço os meus alunos, consigo perceber até onde posso ir e caso haja alguma aula em que a gestão não foi feita da melhor forma, consigo recuperar na aula seguinte; por esse mesmo motivo, cumpro sempre as planificações efetuadas. A minha maior preocupação é certificar-me que todos os meus alunos conseguiram desenvolver as competências da forma mais aprofundada possível e saber que os ajudei a progredir no domínio da Língua Portuguesa.

A relação pedagógica desenvolvida com os alunos é deveras importante para mim. Algo também confirmado por diversos autores, como o caso de Cunha (1989), que refere a existência de dez princípios para a existência de uma boa relação pedagógica, a saber: princípio da fascinação (fazer com que os discentes gostem da matéria lecionada); da expectativa (atrair o aluno, esperando sempre o melhor de si); do respeito (pelas suas características, estágio de desenvolvimento e interesses); do encorajamento (ajuda e incentivo para vencer os obstáculos); da compreensão (compreender quando necessário); da confrontação (fazer ver aos alunos os efeitos nefastos das suas ações); das consequências (são as consequências das nossas ações que nos ensinam por onde devemos caminhar); da negociação (negociar com os alunos); do diálogo (partilha de ideias, opiniões e sentimentos) e princípio da exigência (exigir o máximo de cada um dos alunos para que nenhum trabalhe abaixo das suas capacidades). Assim, quando há

uma proximidade professor-aluno, o processo de ensino-aprendizagem torna-se mais eficaz.

Desta forma, manter uma boa relação pedagógica com os alunos foi uma das minhas preocupações ao longo de todo o ano escolar. Pretendi contribuir para a sua formação e tentei ajudá-los, desenvolvendo tarefas além dos tempos letivos previstos, quando necessário, e, na medida do possível, procurei auxiliá-los para compensar alguma falta de acompanhamento familiar.

Considerando que os alunos são seres portadores de ideias, comportamentos, atitudes e sentimentos, tive a preocupação de encontrar sempre a melhor forma de comunicar com eles, tentando saber que tipo de problemas poderiam afetar a relação professora / aluno ou aluno / professora. O diálogo estabelecido foi compensador na maior parte dos casos.

Ao longo do ano letivo verificou-se sempre uma muito boa relação pedagógica e convivência docente / aluno, proporcionando-lhes sempre o apoio de que tinham necessidade.

Promovi uma constante troca de ideias e experiências no seio das turmas, procurando detetar dificuldades e progressos nos alunos, adequando continuamente o apoio prestado. Privilegiei o ensino individualizado, que se dirigia essencialmente para aqueles que apresentavam maiores carências e, deste modo, utilizei estratégias diversificadas por forma a incentivar os alunos a procurar respostas, a desenvolver um trabalho responsável, individualmente ou em grupo, tendo eu mantido o lugar de orientadora deste processo.

Com o decorrer do ano, o conhecimento de cada um dos alunos foi sendo aprofundado, o que teve como consequência um muito bom relacionamento com todos eles.

Talvez pelo facto de normalmente ter uma boa relação com os alunos, consigo fazê-los participar nas diversas tarefas propostas. Assim que denoto que um discente está a sentir dificuldades em realizar algum trabalho, convido-o a ir à aula de apoio, onde tenho sempre menos alunos, o que permite chegar mais perto de cada um deles e podê-los auxiliar convenientemente. Aqui, os recursos foram adaptados de forma a irem ao encontro das dificuldades específicas dos alunos. Algumas vezes com um ligeiro desagrado, lá se dirigiam à aula de apoio, mas depois das primeiras aulas, são eles próprios que me procuram, interessados em resolver as suas dúvidas.

Como diretora de turma, procedi à recolha de informação detalhada sobre o meio socioeconómico dos alunos para caracterizar a turma; ao acompanhamento dos alunos

quer quanto à sua evolução na aprendizagem, quer quanto ao comportamento. Mantive uma relação de proximidade com os encarregados de educação, procurando um envolvimento cada vez maior por parte destes, mostrei-me disponível para a resolução de problemas inerentes ao dia a dia escolar dos alunos. Estabeleci, ainda, uma comunicação constante com os docentes do conselho de turma, de forma a estar atualizada e poder adotar estratégias de resolução de situações problemáticas.

Tendo em conta o Projeto Educativo do Agrupamento, posso afirmar que, ao longo de todo o ano letivo, tive sempre em consideração quer as metas, quer os objetivos apresentados.

Assim, no respeitante à problemática do elevado insucesso à disciplina de Língua Portuguesa, tentei aumentar o sucesso educativo dos meus alunos na disciplina que lecionava, pois tal como já referi anteriormente, sempre me preocupei bastante em utilizar técnicas e métodos diversificados, recorrendo à realização de variados momentos de avaliação, com o intuito de facilitar as aprendizagens. Tentei, também, contribuir para a melhoria do domínio da Língua Portuguesa ao nível da leitura, interpretação e produção escrita, realizando numerosas atividades com esse fim, a saber: leitura de um livro por período e apresentação oral do mesmo; realização e avaliação de produções escritas mensais; participação num concurso de ortografia e num outro de leitura.

Participei, ainda, no Projeto *Testes Intermédios* promovido pelo GAVE, sendo que todos os alunos do 9º ano realizaram o Teste Intermédio de Língua Portuguesa, também como forma de preparação para a prova final.

Também já foi referido que dei aulas de reforço/apoio ao longo de todo o ano letivo, disponibilizando-me para auxiliar sempre os alunos.

Todas estas medidas anteriormente enumeradas serviram, também, a intenção de tentar melhorar a qualidade do sucesso escolar dos alunos, deste modo, tive sempre em consideração a qualidade e rigor dos instrumentos de avaliação e demais materiais.

No âmbito da avaliação, clarifiquei, sobretudo enquanto diretora de turma, os critérios de avaliação específicos junto dos alunos e encarregados de educação, uma vez que “devem ser envolvidos os alunos e os encarregados de educação, no sentido de garantir um processo transparente, elucidativo e consciencializado, onde todos tomam parte e se responsabilizam no percurso da aprendizagem e no domínio dos objectivos e competências a alcançar” (Cid, Fialho, 2011). Reforcei, também, em todas as reuniões com os encarregados de educação, para tentar superar o seu reduzido envolvimento, a

importância do seu papel na promoção da qualidade do sucesso escolar, “sendo o sucesso o objectivo a atingir, importa conhecer e trabalhar com os seus intervenientes directos, ou seja, todos aqueles que o produzem” (Favinha, Silvestre, Magro, 2011). Ao longo de todos os encontros com os vários encarregados de educação, consciencializei-os para a importância da sua atuação na vida escolar dos seus educandos.

Enquanto professora de Língua Portuguesa passei a divulgar os resultados quantitativos e qualitativos em todos os instrumentos de avaliação. Fiz a monitorização de resultados com todos os discentes, tendo negociado com eles os resultados a obter (ver anexo IX).

Estimulei a participação dos alunos em atividades de enriquecimento curricular e esforcei-me por promover atividades conducentes ao desenvolvimento da autonomia dos meus discentes. Neste sentido desenvolvi, juntamente com a turma B do 8º ano, um conjunto de tarefas que conduziram à edição de um pequeno livro de poesias intitulado “*Clube de Talentos*”, tendo sido apresentado à comunidade educativa no Serão Cultural, promovido pela Biblioteca Escolar, no dia 14 de junho de 2012.

Ainda, enquanto diretora de turma, informei os meus alunos sobre as ofertas formativas existentes, tentando auxiliá-los nas suas escolhas, tendo em conta as suas expectativas e capacidades, ou seja, tentei, da maneira que me foi possível, orientá-los vocacionalmente.

Foi uma preocupação constante ao longo de todo o ano letivo reduzir o índice de indisciplina, estabelecendo uma boa relação interpessoal, esforçando-me por uniformizar os procedimentos de todos os professores do conselho de turma relativamente ao cumprimento das regras estabelecidas por parte dos alunos. Ainda no exercício do cargo de diretora de turma, apliquei com eficácia e rapidez as medidas corretivas necessárias, responsabilizando, sempre que possível, os encarregados de educação pela conduta dos seus educandos na escola.

No que diz respeito à questão da avaliação, realizei a avaliação diagnóstica, formativa e sumativa de acordo com as orientações do Regulamento Interno, aplicando com rigor os critérios de avaliação da disciplina que leciono definidos em grupo disciplinar/departamento e aprovados pelo conselho pedagógico.

Neste momento e já que falamos em avaliação das aprendizagens, julgo oportuno referir que a avaliação no processo de ensino-aprendizagem apresenta três tipos de funções distintas: diagnóstica, formativa e sumativa.

A primeira, tal como já referi, é sempre feita no início do ano letivo. É através dela que o professor deve verificar o conhecimento prévio dos seus alunos, servindo este como ponto de partida para o início do novo ano letivo.

No que diz respeito à avaliação formativa, esta é, sem sombra de dúvida, a mais relevante em todo o processo de ensino-aprendizagem. É realizada no decorrer de todo o ano letivo, com o intuito de verificar se os alunos estão a progredir no desenvolvimento das competências de acordo com o previsto. É através deste tipo de avaliação que o aluno toma consciência das suas dificuldades e erros, cabendo ao professor o papel de o auxiliar a solucioná-los. Este tipo de avaliação é de extrema importância, pois regula não só o trabalho do aluno, como também o do professor. A avaliação formativa, tal como afirma Fernandes (2007) no artigo “*A avaliação das aprendizagens no Sistema Educativo Português*”, é destinada a regular e a melhorar as aprendizagens. É uma análise cuidada do que os alunos sabem e são capazes de fazer ou compreender as suas eventuais dificuldades, ajudando-os a superá-las.

Fernandes (2007) vai mais longe quando refere que a utilização sistemática e regular de práticas de avaliação formativa melhoram de forma muito significativa as aprendizagens dos alunos e conseqüentemente a qualidade geral do sistema educativo.

Quando o professor deteta que determinado aluno não está a evoluir positivamente, há que desencadear um plano de ação para que este consiga recuperar e ultrapassar as suas dificuldades.

Em suma, de acordo com Fernandes (2007), a prática de avaliação formativa, entendida numa perspetiva construtivista, deve permitir obter informação e um acompanhamento continuado do aluno de modo a fornecer dados pertinentes para a regulação dos processos de ensino aprendizagem. “É através do uso de estratégias diferenciadas que se torna possível ao aluno inverter o percurso de dificuldades e reforçar aprendizagens já conseguidas” (Cid, Fialho, 2011).

Neste aspeto, julgo de extrema importância referir que as turmas de 9º ano estavam integradas no Programa Mais Sucesso Escolar – TurmaMais. Este é um projeto “focado na melhoria das aprendizagens e dos resultados escolares dos alunos (...) promovendo a diferenciação pedagógica e apostando na prevenção do insucesso ao longo do ensino básico. Assenta em princípios de trabalho colaborativo e valoriza a interacção com centros de investigação e universidades para reforço da credibilidade e da confiança social perante a comunidade educativa” (Verdasca, 2011). O grande objetivo da TurmaMais é diminuir “a heterogeneidade das turmas de origem” e permitir “agregar

elementos na TurmaMais com características e interesses algo semelhantes” (Magro, 2011). Este mesmo projeto vem contrariar “o caráter estigmatizante dos tradicionais apoios educativos ao proporcionar igualmente a todos os alunos momentos de apoio e/ou aprofundamento das suas aprendizagens de acordo com as necessidades” (*ibidem*).

Este projeto ensinou-me a olhar para a avaliação formativa de uma forma mais consciente. “O processo avaliativo é, por isso, uma tarefa complexa que exige a definição de critérios claros e transparentes, reflectidos e discutidos pelas equipas docentes, para que todos os intervenientes entendam a avaliação como um acto credível e de responsabilidade e utilidade educativa e social” (Cid, Fialho, 2011). Desta forma, duas importantes ideias assentam neste projeto, a monitorização de resultados e a transparência dos mesmos. Antigamente havia a ideia de que os alunos não deviam saber as percentagens dos seus testes de avaliação, muito pelo contrário, é de extrema importância que os discentes conheçam muito bem os critérios de avaliação das várias disciplinas, bem como possam observar a sua avaliação. Daí que no início do ano letivo, dou a conhecer aos meus alunos os critérios de avaliação da disciplina de Língua Portuguesa, seguidamente e tendo em conta a avaliação do ano anterior, eles próprios propõem o valor a obter no próximo período de avaliação sumativa que ocorre em finais de outubro – a avaliação intercalar. Fazem este processo em todos os períodos de avaliação sumativa e quando eles solicitam ou quando julgo oportuno chamá-los à razão, mostro-lhes a sua avaliação formativa, para que tenham consciência se estão a seguir o rumo certo, ou, se por sua vez, têm necessidade de o alterar.

Este balanço é de extrema importância, daí que não o tenha adotado apenas nas turmas incluídas no Projeto TurmaMais, mas também na outra turma de 8º ano. A monitorização de resultados ensina os alunos a fazer projetos, planos para o futuro, dá-lhes força para lutar por algo que desejam e o facto de a avaliação ser algo a que têm acesso sempre que quiserem, deixa-os com menos receio deste simples termo e não necessitam de esperar pelo final de um período letivo para terem conhecimento da mesma.

A avaliação deve ser transparente, por isso todos os intervenientes no processo de avaliação deverão conhecer bem os conteúdos, processos e critérios de avaliação e deverão participar ativamente no seu desenvolvimento.

Para terminar, a avaliação sumativa ocorre nos finais de cada período e nas reuniões intercalares, onde é atribuída uma classificação aos conhecimentos adquiridos pelos alunos. É nas reuniões de avaliação que o conselho de turma deverá, face aos resultados

obtidos pelos vários alunos, elaborar os respetivos planos: de acompanhamento, no caso de alunos que se encontram a repetir o mesmo ano de escolaridade; de recuperação, para aqueles que possuem mais do que três níveis inferiores a três e são dignos de uma maior atenção, ou os planos de desenvolvimento para os discentes que demonstrem capacidades de aprendizagem mais elevadas.

Convém não esquecer que o conselho de turma constrói o projeto curricular de turma que deve ser adaptado às características evidenciadas pelos vários elementos que compõem o grupo turma.

Em suma, a avaliação sumativa deve ocorrer apenas para fazer balanços globais sobre o que os alunos sabem e são capazes de fazer.

No que se prende então com a avaliação, começo no início do ano por fazer a avaliação diagnóstica (ver anexo X). A este tipo de avaliação não é atribuída classificação, apenas é feito um comentário para que o aluno se aperceba daquilo que já esqueceu ou que não foi devidamente apreendido. Para o professor, esta mesma avaliação deve servir de alerta para se aperceber em que grau de aprendizagem se encontram os seus alunos, bem como contactar com as suas capacidades e dificuldades. É a partir desta perceção que se parte para a planificação da primeira unidade e primeiras aulas.

Seguidamente, inicia-se o processo de avaliação formativa que termina apenas no final do ano letivo. Tudo o que é feito em aula é sujeito a avaliação formativa, permitindo que o trabalho desenvolvido em conjunto (professora - alunos) possa surtir os efeitos desejados. Desta forma, todas as tarefas desenvolvidas são objeto de avaliação. Assim, vários poderão ser os instrumentos de avaliação: trabalhos de pares, de grupo ou individuais; fichas de trabalho; trabalhos de casa; testes de avaliação formativa, realizados de acordo com as várias competências (a saber: compreensão oral e escrita, expressão oral e escrita, leitura e funcionamento da língua). Tal como refere Abrantes (2002), “não há qualquer possibilidade de se progredir significativamente numa perspetiva integrada de currículo e avaliação se os testes usuais forem os instrumentos de avaliação usados em exclusivo ou considerados mais importantes”, pois estes até “podem fornecer indicações úteis sobre aspetos de algumas aprendizagens, mas são incapazes de captar elementos essenciais de muitas outras” (*ibidem*). Desta forma, a avaliação deverá “basear-se na observação do que o aluno faz (e da sua evolução) em diferentes momentos e em diversos contextos, assim como em situações que, pela sua própria natureza, apelem ao recurso integrado a conhecimentos, capacidades e atitudes” (*ibidem*).

Alguns elementos de trabalho e avaliação (ver anexo XI) foram diferenciados, uma vez que no 8º ano tinha um aluno com necessidades educativas especiais de carácter permanente. A respeito deste discente foi estabelecido um diálogo constante com a docente de ensino especial, sempre no sentido de adequar os conteúdos às capacidades do aluno em questão, preocupação sempre presente em todas as aulas. Julgo, também, importante salientar que nunca fiz que o discente se sentisse inferior ou diminuído perante os restantes alunos da turma, incluindo-o sempre na realização de todas as tarefas, atividades e trabalhos desenvolvidos, procurando, deste modo, estimular o seu crescimento ao nível dos conhecimentos científicos.

Dei relevo a outros elementos de avaliação (atenção, interesse, empenho, participação na aula, assiduidade, pontualidade, iniciativa, capacidade de comunicação oral e escrita, criatividade, autonomia, progresso realizado e realização das tarefas de casa) de modo a obter dados para uma avaliação mais criteriosa.

Todos estes instrumentos de avaliação eram registados em grelhas próprias, não só como meio de guardar a informação para mais tarde avaliar sumativamente, mas sobretudo para as ir divulgando aos alunos para que estes as pudessem visualizar e, desta forma, gerir os resultados de acordo com os seus interesses e com o compromisso que haviam estabelecido com a professora. Assim são construídas numerosas grelhas de avaliação, respeitantes à avaliação de leitura, compreensão oral, compreensão escrita, expressão oral, expressão escrita, funcionamento da língua, testes de avaliação formativa, trabalhos de grupo, pares ou individual, registo da realização de trabalhos de casa, registo da participação, e, ainda, a grelha geral, onde constam todos os critérios de avaliação, aprovados em departamento e conselho pedagógico (ver anexo XII).

Promovi a auto e a heteroavaliação como meio de consciencialização pelos alunos dos fundamentos da avaliação proposta, desenvolvendo neles, também, o espírito crítico, a fim de diagnosticarem o porquê das suas avaliações. Convém salientar que pelo facto de a avaliação ser um processo verdadeiramente transparente, a avaliação sumativa nunca se tornou numa surpresa para os alunos, pois estes acompanhavam sempre o seu progresso ou retrocesso.

Destaco, novamente, que devido à integração no Projeto TurmaMais, a monitorização de resultados se tornou numa mais-valia para motivar os alunos e consciencializá-los do seu percurso de aprendizagem. Eles próprios participam, deste modo, ativamente no processo de ensino-aprendizagem, não sendo banidos de uma etapa tão importante e criteriosa como a avaliação. “O estudante pode assim monitorizar o seu desempenho,

sendo os erros considerados como motores de aprendizagem e de demonstração das estratégias cognitivas utilizadas e não como objeto de punição” (Cid, Fialho, 2011).

Esta monitorização não é só o negociar de classificações, mas também a realização efetiva de um trabalho comum entre professor e aluno. Através da avaliação formativa o aluno toma consciência das suas reais capacidades e consegue facilmente resolver as suas dificuldades, pois o professor apresenta-lhe meios de resolução possíveis e tarefas a desenvolver, que, caso sejam resolvidas, poderão retirar as suas dúvidas e dar lugar ao conhecimento. Convém assinalar que tanto o papel do professor como especialmente o do aluno tem de ser bastante ativo. É aqui que se denota o trabalho, empenho e motivação do discente, pois tal como defendem Favinha, Silvestre e Magro (2011) há uma “indissociabilidade dos conceitos de *monitorização* e de *ação*”.

Julgo oportuno fazer, nesta etapa do meu relatório, uma avaliação das minhas aulas em termos das tarefas e atividades desenvolvidas, refletindo, um pouco, sobre os resultados na aprendizagem dos alunos, quer ao nível dos seus conhecimentos, capacidades e atitudes.

Assim, tenho consciência de que as aulas foram, todas elas, lecionadas com a devida preparação. Foi sempre feita uma planificação criteriosa, tendo esta, sido sempre adaptada não só à generalidade das turmas, mas sobretudo aos alunos em questão, assim muitas vezes houve diferenciação de estratégias, a fim de poder chegar a todos os discentes e garantir, desta forma, um ensino uniforme. Com isto quero efetivamente dizer que, dependendo das dificuldades apresentadas, assim as tarefas para a sua resolução poderiam ser diferenciadas de aluno para aluno.

Posso afirmar que, ao longo de todo o ano letivo, as aulas decorreram de acordo com o previsto, os alunos sentiram-se envolvidos e motivados para a aprendizagem dos conteúdos de Língua Portuguesa, tendo participado, de modo geral, de uma forma ativa e empenhada. É óbvio que, como sempre, há alunos mais despertos para a aprendizagem do que outros, contudo poucos foram aqueles em que não se denotou qualquer esforço para a sua melhoria.

Todas as atividades desenvolvidas visaram o incremento de novos conhecimentos e o reforçar dos devidamente já adquiridos. As três turmas participaram ativamente em todas as aulas, desempenhando as tarefas e atividades propostas.

O processo de motivação foi mais dificultado nas turmas de 9º ano, uma vez que não conhecia os alunos e estes apresentavam graves lacunas no domínio da língua materna. Nestes grupos foi uma verdadeira batalha, pois verificava-se uma falta de pré-requisitos,

o que tornou mais difícil atingir a minha finalidade. Além disso, convém não esquecer, que apesar da avaliação formativa ser primordial, estes alunos seriam submetidos a uma avaliação externa no final do ano letivo, daí a pressão e exigência ser maior quer para mim, quer para os próprios alunos.

Agora que o final do ano já passou, posso afirmar que este tipo de trabalho que parecia mais dificultado, foi, sem dúvida, muito mais motivador, pois vi claramente o avanço registado ao nível dos conhecimentos, capacidades e atitudes destes alunos.

Apesar de saber que, na maior parte das vezes, os resultados da avaliação não refletem condignamente as reais aprendizagens dos alunos, foi com muita satisfação verificar que os resultados da avaliação externa (refiro-me aos resultados apresentados na prova final de Língua Portuguesa) constituíram-se como um bom indicador, pois a percentagem de classificações positivas ultrapassou os oitenta por cento, ao passo que a média nacional se situou abaixo dos sessenta por cento. No que se refere à turma de 8º ano, os resultados atingidos também foram satisfatórios.

Para que os alunos consigam trilhar o caminho do conhecimento é necessário desenvolver um trabalho e esforço conjunto e partilhado pelo professor e pelo aluno. Cativar um aluno é conseguir ter a sua confiança e, através dela, guiá-lo rumo à aprendizagem. Há que existir sempre a adaptação do aluno ao processo de ensino-aprendizagem, conseguir adaptar os conteúdos às suas características pessoais, seguindo vários rumos, consoante o aluno em questão, para chegarmos ao mesmo fim. Em suma, predispor-nos a aprender para podermos ensinar.

---

## **4. PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA**

## **PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA**

A escola é cada vez mais, nos nossos dias, o local onde os jovens passam a maior parte do tempo e onde ocorre uma parte significativa do processo de socialização. A escola atual tem que ser viva, dinâmica e aberta para a comunidade exterior. Assim, a meu ver, os órgãos que a constituem e representam deverão ter sempre em linha de conta este factor de extrema importância.

O órgão de direção do Agrupamento de Escolas de Amareleja é composto por um grupo de profissionais bastante coeso, empenhado, motivado e trabalhador. A direção de uma escola acaba por ser o elo de ligação entre toda a comunidade educativa: alunos, professores, pais, encarregados de educação e assistentes operacionais. Cabe a este órgão não só o conhecimento efetivo de todos os membros da comunidade educativa, bem como o cumprimento do exposto no projeto educativo, estatuto do aluno e estatuto da carreira docente e não docente.

Este órgão subdivide-se em outros não menos importantes, que são os departamentos, organizados consoante as várias áreas disciplinares, o conselho geral e o pedagógico.

Em suma, todos os órgãos atuam em consonância e deverão garantir o bem-estar geral e o seu funcionamento, enquanto Agrupamento de escola.

Tendo em conta o período de tempo em que lá estive colocada (três anos letivos), devo referir que todos estes órgãos funcionaram de acordo com o estipulado e me auxiliaram sempre que de tal tive necessidade, abrindo portas a novos projetos, atividades ou tudo o que contribuísse para a existência de novas aprendizagens para os alunos.

Neste Agrupamento e tendo em conta o ano letivo transato ao qual se reporta este relatório, além de professora, desempenhei ainda o cargo de diretora de uma turma, tal como já mencionei anteriormente. Face a este papel, julgo ter cumprido as minhas funções, resolvendo problemas comportamentais, orientando os alunos, reunindo com os encarregados de educação sempre que considerasse oportuno, muitas vezes presencialmente, outras vezes por telefone, pois os encarregados de educação e pais deverão participar ativamente na vida escolar dos seus educandos e filhos. Ouvi sempre os meus colegas do conselho de turma e solucionei todas as questões ou dissidências que estes me colocavam. Sintetizando, preocupei-me em estabelecer um elo de ligação entre professores, alunos, pais, encarregados de educação e direção da escola.

Como a turma em causa era bastante agitada, o desafio foi bastante motivador, pois desde o 7º ano que estes alunos tinham um percurso algo acidentado, marcado por participações disciplinares. Deste modo, logo no início, foi lançado um desafio aos alunos: tornar o último ano letivo, em que se encontravam na escola, algo diferente, mostrando a toda a comunidade que todos os alunos em causa estavam mais crescidos e preparados para uma transição marcante, ingressando, num futuro próximo, o ensino secundário. Para que os alunos assumissem este papel de forma responsável, enquanto diretora de turma, propus que eles próprios pensassem nos erros que habitualmente cometiam e encontrassem uma forma de os evitar. Os discentes aceitaram esta ideia e eles próprios elaboraram uma lista de maus comportamentos e respetivos castigos, assim lhe deram o nome. Posteriormente, a delegada e subdelegada apresentaram-na a todo o conselho de turma na primeira reunião intercalar. Foi com espanto que todos os docentes receberam aquela dita lista, pois pela primeira vez, esta “má” turma tinha assumido um comportamento exemplar, tendo refletido sobre o que não estava bem e os castigos propostos não eram mais que pedidos de ajuda. Assim, quando se desviassem do seu percurso, rapidamente eram auxiliados a voltar a percorrê-lo. Todos os docentes aceitaram esta ideia e a lista de “comportamentos a evitar e respetivos castigos” foi colocada no livro de ponto, a fim de que, no momento oportuno, todos os docentes atuassem da mesma forma, o que é bastante importante.

Muitas vezes abdiquei do meu tempo a nível pessoal, pois fiquei várias vezes durante os intervalos ou depois do meu horário de saída com os alunos a cumprir alguns dos tais castigos propostos. Contudo, verifiquei que o comportamento foi modificando e a turma que me foi entregue no início do ano letivo não foi a mesma que deixei no final. Houve realmente um progresso dos alunos, não só em termos de conhecimento e aprendizagem, mas sobretudo no aspeto atitudinal.

Além deste controlo a nível comportamental, fiz um constante acompanhamento das aprendizagens de todos os alunos, através da monitorização das aprendizagens e avaliações que efetuava com todos eles. Os alunos estabeleciam comigo um compromisso não só para a minha disciplina de Língua Portuguesa, mas também para as restantes. Por isso estava sempre a par dos seus avanços, reforçando-os positivamente e incentivando-os a chegar mais longe, o mesmo acontecia com os seus retrocessos, ensinando-lhes que cruzando os braços e baixando a cabeça, jamais venceremos o mundo e as suas adversidades.

Além deste cargo, procurei colaborar e envolver os alunos, os encarregados de educação e os pais em várias atividades.

Organizei duas visitas de estudo, uma para o 8.º e outra para o 9.º ano. Em ambas, fomos a Lisboa, ver uma peça de teatro. Os alunos do 8.º ano viram “*Falar Verdade a Mentir*” e os de 9.º ano assistiram ao “*Auto da Barca do Inferno*”, ambas representadas pela companhia de teatro *O Sonho*. Esta visita serviu não só para captar a atenção dos alunos pelas obras em estudo, mas também facilitar a sua compreensão e interpretação. Além disso, não podemos esquecer que é muito importante proporcionar aos alunos uma vivência de experiências diferentes das habituais, levando-os a contactar com uma realidade social e cultural diferenciada.

Dinamizei uma atividade promovida pelos Departamentos de Ciências Sociais e Humanas e de Línguas, “*Chá com Letras*”, realizada na Biblioteca Escolar, no final de cada período letivo. Esta foi dirigida a todos os alunos do 7.º ao 9.º ano. Nesta atividade era entregue um livro para que os alunos lessem e redigissem uma ficha de leitura, este livro era diferente para cada ano de escolaridade. No dia marcado (sempre na última semana de cada período) haveria uma tertúlia sobre as temáticas presentes nos diferentes livros, dando lugar a reflexões sobre diferentes problemáticas. Esta discussão era acompanhada por chá e bolinhos a fim de “quebrar o gelo” e fazer com que os alunos se desinibissem. No final, os alunos eram convidados a assistir ao filme que tinha como base o livro em questão. A adesão foi bastante significativa, bem como o interesse e empenho demonstrados pelos alunos. Através desta atividade, contribuí para o desenvolvimento, nos alunos participantes, da capacidade de leitura, argumentação, interpretação de textos e produção escrita.

Organizei e participei no Campeonato de Língua Portuguesa, um desafio desenvolvido por todos os alunos de Língua Portuguesa, que testava de forma lúdica os seus conhecimentos ao nível da ortografia, pontuação, acentuação e funcionamento da língua. Verifiquei que grande parte dos alunos acolheu esta atividade de forma bastante satisfatória, havendo entre eles muita competitividade ao nível dos resultados, o que a meu ver é uma forma salutar de aprendizagem.

Considero, também, como atividade promovida, o apoio prestado aos alunos do 9.º ano, desde o dia 2 de maio de 2012 até ao final do ano letivo e, ainda, desde o dia 11 a 16 de junho de 2012 (aulas de apoio suplementares) para a preparação da prova final de Língua Portuguesa. Todos os alunos participaram ativamente e estavam bastante interessados em esclarecer as suas dúvidas e solicitar orientações de estudo.

Tal como já tinha sido mencionado anteriormente, construí, juntamente com a turma B do 8º ano, um pequeno livro de poesias intitulado “*Clube de Talentos*”, tendo sido apresentado à comunidade educativa no Serão Cultural, promovido pela Biblioteca Escolar, no dia 14 de junho de 2012.

Para colmatar o reduzido envolvimento dos encarregados de educação no processo educativo, ao longo de todos os encontros, consciencializei-os para a importância da sua atuação na vida escolar dos seus educandos. Preocupei-me, também, em dinamizar e desenvolver a atividade “*Chá com Letras*”, onde se debateram variadíssimas questões relacionadas com a adolescência e as melhores atitudes para lidar com esta fase para muitos problemática. Verificou-se uma participação ativa dos encarregados de educação (atividade concretizada no dia 14 de junho de 2012).

Neste mesmo âmbito, organizei, enquanto diretora de turma, um jantar convívio entre os professores, alunos de 9º ano, pais e respetivos encarregados de educação, a fim de os envolver mais diretamente com o meio escolar, proporcionando, deste modo, um convívio entre os vários elementos da comunidade educativa (atividade concretizada no dia 21 de junho de 2012).

Todas estas atividades extra-letivas acabaram por dinamizar a vida da escola e do agrupamento.

---

## **5. DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL**

## DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

Todas as ações de formação são essenciais para o desenvolvimento profissional e para a construção da minha identidade como professora, tanto do ponto de vista da aquisição de competências, como também do desenvolvimento profissional e pessoal, dado que elas nos trazem, também, benefícios e contribuem para a qualidade do meu desempenho com os alunos.

Várias são as formações já frequentadas, indico as referentes aos últimos anos letivos, a saber:

- Workshop “Que Biblioteca Escolar Queremos?” – Organização e participação (Equipa da Biblioteca Escolar da Escola Básica Integrada de Amareleja) - Ano letivo 2009/2010;
- A Gramática no Ensino Básico (Porto Editora) - 11 de fevereiro de 2011;
- Apresentação dos Novos Projetos 3º Ciclo - Língua Portuguesa – 7º Ano (Porto Editora) - 18 de maio de 2011;
- Ação de Formação: «O Ensino do Espanhol em Portugal» (Universidade de Évora e Embaixada de Espanha em Portugal) - 2,3 e 4 de junho de 2011;
- Ação de Formação: «A Utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação no Processo de Ensino-Aprendizagem» (promovida pela Direção do Agrupamento) - junho/julho de 2011;
- Ação de Formação: «Prevenção da Indisciplina na Escola atual» (promovida pela Direção do Agrupamento) - 19 de julho de 2011;
- Ação de Formação: «A melhor forma de comunicar com os Encarregados de Educação» (promovida pela Direção do Agrupamento) - 19 de julho de 2011.

Ao longo do último ano letivo, marquei a minha presença em cinco formações. Uma referente à apresentação dos novos manuais de Língua Portuguesa - 8º ano, (dia 16 de maio de 2012), promovida pela Porto Editora; duas relativas ao Projeto TurmaMais (“*III Seminário Nacional do Projeto TurmaMais*” – dia 5 de novembro de 2011 e “*Encontros Regionais 2012*” – dia 2 de junho de 2012). Participei, ainda, na formação “*Pequenos gestos que salvam*”, promovida pelo Clube de Proteção Civil e Associação dos Bombeiros Voluntários de Moura (dia 1 de fevereiro de 2012) e também numa outra promovida pela escola “*Envolvimento Parental*” (dia 21 de novembro de 2011).

As formações enumeradas são de natureza e grau de complexidade diferentes, contudo, julgo relevante citá-las, pois todas contribuem para um melhor desempenho docente.

Encontro-me, também, a fazer o mestrado do Português no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário e do Espanhol/Francês nos Ensinos Básico e Secundário, Especialidade em Ensino do Português no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e de Espanhol dos Ensinos Básico e Secundário.

O mestrado que me encontro a realizar também se traduz numa formação complementar, útil para a minha prática pedagógica, alargando horizontes culturais e conhecimentos pedagógico-didáticos. É, também, uma condição indispensável para a obtenção da profissionalização.

Todas estas formações contribuem para a melhoria da ação educativa, na medida em que todas elas se prendem com o trabalho desenvolvido na área da educação, ensinando-nos a olhar para o ensino não como algo estático, mas sim evolutivo e dinâmico, progresso esse que teremos de acompanhar, se quisermos motivar os nossos alunos e acompanhar as suas necessidades e interesses.

Estas mesmas formações não contribuíram única e exclusivamente para a melhoria da ação educativa, mas também trouxeram benefícios para a minha prática letiva e não letiva, uma vez que contactar com novas realidades, abre-nos caminhos novos a explorar enquanto docentes.

No que concerne a projetos educativos, participei no Projeto *Testes Intermédios*, promovido pelo GAVE, sendo que todos os alunos do 9º ano realizaram o Teste Intermédio de Língua Portuguesa, também como forma de preparação para a Prova Final.

Tal como já foi mencionado ao longo do presente relatório, participei, ainda, no Programa Mais Sucesso Escolar – TurmaMais, desenvolvido nas turmas de 9º ano às quais lecionava a disciplina de Língua Portuguesa, área disciplinar essa que estava contratualizada no respetivo projeto. Tendo sido além de professora, diretora de turma de uma dessas turmas integradas no Programa Mais Sucesso Escolar – TurmaMais.

Todos nós necessitamos de nos formar continuamente, é uma necessidade inegável para qualquer educador, pois na construção da profissionalidade docente é fundamental que o professor se consciencialize da importância da formação.

---

## **6. CONCLUSÃO**

## CONCLUSÃO

O presente relatório foi, na verdade, um trabalho de reflexão muito pertinente e importante.

Refletir é um ato de extrema relevância para qualquer educador, pois é nele que encontramos os nossos defeitos e eventuais qualidades. Todos nós deveríamos ser levados a pensar seriamente sobre a prática letiva.

Além deste momento de introspeção, foi muito importante a atualização de conhecimentos, uma vez que muitas vezes limitamo-nos a fazer o nosso trabalho, criando hábitos e rotinas. O desenvolvimento das nossas competências deveria ser uma aposta feita por todos os educadores, pois o nosso crescimento a nível profissional em muito contribui para o enriquecimento das aprendizagens lecionadas aos nossos alunos.

O aluno e a sua respetiva aprendizagem deverão ser as preocupações que balizam a atuação de qualquer docente. Além do conhecimento dos documentos enquadradores da prática letiva, o nosso envolvimento no processo de ensino-aprendizagem também é algo de extrema importância.

Educar é desempenhar um papel primordial. Como tal, temos de nos preparar constantemente, atualizando os nossos conhecimentos, investigando, pesquisando, buscando a realização de diversas formações que nos ajudem a desenvolver melhor a nossa tarefa de ensinar.

O trabalho do professor é um ato contínuo e sempre em crescimento.

---

## **7. BIBLIOGRAFIA**

## BIBLIOGRAFIA

Abrantes, P. (2002). *A Avaliação das Aprendizagens no ensino básico. Em Reorganização Curricular do Ensino Básico. Avaliação das Aprendizagens. Das concepções às práticas* (pp.9-15). Lisboa: Ministério da Educação.

Braga, F., Vilas-Boas, F. M., Alves, M. E., Freitas, M. J., & Leite, Carlinda. (2004). *Planificações, novos papéis, novos modelos*. Porto: Edições Asa.

Cid, M., Fialho, I. (2011). “Critérios de Avaliação: Da Fundamentação à Operacionalização”, in, I. Fernandes & H. Salgueiro, (Org). *TurmaMais e Sucesso Escolar – Contributos Teóricos e Práticos*. Évora: Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora.

Conselho da Europa (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: Aprendizagem, Ensino, Avaliação*. Porto: Edições Asa.

Cunha, P. (1989). *A Relação Pedagógica*. Lisboa: Ministério da Educação.

*Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*, Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica. Recuperado em 15 de julho de 2012 de <http://www.dgidec.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=2>

*Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Recuperado em 15 de julho de 2012 de <http://dre.pt/comum/html/legis/dudh.html>

Favinha, M., Silvestre, M. J., Magro, T. (2011). “Monitorizar Resultados para Avaliar Segundo a Lógica de Ciclo. Tecnologia de Suporte Avaliativo do Projecto TurmaMais”, in, I. Fernandes & H. Salgueiro, (Org). *TurmaMais e Sucesso Escolar – Contributos Teóricos e Práticos*. Évora: Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora.

Fernandes, D. (2007). “A avaliação das aprendizagens no Sistema Educativo Português”, in *Revista Educação e Pesquisa*. São Paulo

Magro, T. (2011). “Projecto TurmaMais: Origem e Descrição do Modelo Organizacional”, in, I. Fernandes & H. Salgueiro, (Org). *TurmaMais e Sucesso Escolar – Contributos Teóricos e Práticos*. Évora: Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora.

*Metas Curriculares do Português, Ensino Básico, 1º, 2º e 3º Ciclos*, (2012). Documento recuperado em 20 de dezembro de 2012 de <http://www.dge.mec.pt/index.php?s=noticias&noticia=396>

*Metas de Aprendizagem*. Documento recuperado em 25 de julho de 2012 de <http://www.dgicd.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=4>

Ministério da Educação; Departamento de Educação Básica. (2000). *Organização Curricular e Programas*. Vol. I. ME: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Ministério da Educação; Departamento de Educação Básica. (2000). *Programa Língua Portuguesa – Plano de Organização do Ensino Aprendizagem*. Vol. II. ME: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Mira, A. R. & Mira, M. I. (2002). *Programação dos ensinos de línguas estrangeiras – Metodologias de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras – perspectiva diacrónica*. Évora: Universidade de Évora.

*Programa de Português do Ensino Básico*, (2009). Documento recuperado em 15 de julho de 2012 de <http://www.dgicd.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=47>

Roldão, M. (2003). *Gestão do Currículo e avaliação de Competências: As questões dos professores*. Lisboa: Editorial Presença.

Verdasca, J. (2011). “O Ciclo de Estudos, Unidade Base da Organização Pedagógica da Escola”, in, I. Fernandes & H. Salgueiro, (Org). *TurmaMais e Sucesso Escolar – Contributos Teóricos e Práticos*. Évora: Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora.

Vygotsky, L.S. (1991). *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes.

## LEGISLAÇÃO

Decreto-Lei n.º 46/86, de 14 de outubro.

Decreto-Lei n.º 115/97, de 19 de setembro.

Decreto-Lei n.º 49/2005, de 30 de agosto.

Decreto-Lei n.º 85/2009, de 27 de agosto.

Despacho n.º 17169/2011, de 23 de dezembro.

Despacho n.º 5306/2012, de 18 de abril.

# **ANEXOS**

---

**ANEXO I - Planificação de uma Unidade**



# ESCOLA BÁSICA INTEGRADA DE AMARELEJA

## Planificação de Língua Portuguesa – 8º Ano

Ano Letivo 2011/2012

Manual adotado: *Plural*, Lisboa Editora N° de Blocos: 36

Tipologia Textual	COMPETÊNCIAS				Recursos	Avaliação	Tempo (n° blocos)
	Comp/ expressão oral	Leitura	Expressão escrita	Funcionamento da língua			
	Processos e Operacionalização						
<b>Géneros Jornalísticos:</b>		Distinção e caracterização de texto literário e texto não literário.			- Quadro;	Teste Diagnóstico.	2
	Antecipação de sentidos sobre a importância dos meios de comunicação.	Leitura dos textos poéticos sobre a importância da notícia e do jornal (p. 24 e 25).			- Manual;		4
	Compreensão das estratégias de persuasão do público e de seleção de informação.	Observação de capas de jornais e de revistas.			- Fichas informativas;		
	Apresentação dos vários géneros jornalísticos a partir dos conhecimentos dos alunos.	Linguagem e estilo jornalísticos (p. 28 e 29).	Criação de títulos sugestivos e apelativos de notícias.		- Fichas de trabalho;		
					- Questionários de leitura;		
					- Dicionário;		
					- Leitor de cd;		
					- Computador;		
					- Retroprojeter;		
					- Data Show.		

Tipologia Textual	COMPETÊNCIAS				Recursos	Avaliação	Tempo (nº blocos)
	Comp/ expressão oral	Leitura	Expressão escrita	Funcionamento da língua			
	Processos e Operacionalização						
▪Notícia	Resumo oral de uma notícia recolhida num jornal.	Definição e estrutura da notícia (p. 32).  Leitura e compreensão de uma notícia (p. 30).	Registo dos constituintes gráficos da notícia.  Interpretação de notícias e aplicação de conhecimentos (p. 31 e 33).  Identificação do assunto e das partes constituintes da notícia.  Produção escrita de uma Notícia.	Classe e as sub-classes do nome.			7
▪Reportagem	Distinção entre reportagem escrita e reportagem visual e auditiva.  Estabelecimento de relações entre a imagem visualizada e o texto.	Leitura crítica e analítica da reportagem “Salva Vidas” (p. 34).	Identificação do assunto e das várias situações relatadas (p. 36).	Registos de língua.			5

Tipologia Textual	COMPETÊNCIAS				Recursos	Avaliação	Tempo (nº blocos)
	Comp/ expressão oral	Leitura	Expressão escrita	Funcionamento da língua			
	Processos e Operacionalização						
▪Entrevista	Debate sobre aspectos importantes a considerar numa entrevista.	Características estruturais da entrevista (p 40).		- Discurso directo e discurso indirecto.			3
▪Crónica	Identificação de algumas diferenças entre a notícia e a crónica: objectividade/subjectividade.	Leitura da entrevista a Sara Tavares “Cumplicidade e Comunicação” (p 38).  Visualização de crónicas em revistas da Biblioteca Escolar.  Leitura do conceito de crónica na p.42 e identificação das palavras-chave.  Confirmação/ infirmação da estrutura apresentada a partir da leitura da crónica “A última crónica” (p. 41).	Descrição da entrevistada (p 39).  Produção escrita de uma entrevista (entrevistador e entrevistado).  Levantamento das características da crónica a nível formal.  Resumo escrito do episódio presente na crónica.				3

Tipologia Textual	COMPETÊNCIAS				Recursos	Avaliação	Tempo (nº blocos)
	Comp/ expressão oral	Leitura	Expressão escrita	Funcionamento da língua			
	Processos e Operacionalização						
▪Publicidade	Exploração do conceito de “navegar” na Internet”.  Reflexão sobre a importância da Internet como espaço de comunicação.	Leitura de artigos de jornal sobre espaços na Internet (p. 48).		Processos de formação de palavras.			3
	Expressão de comentários, críticas, pontos de vista sobre publicidade.  Identificação da intenção e adequação comunicativas.	Leitura de imagens e da mensagem de anúncios publicitários.	Criação de slogans.  Descrição de imagens.	Imperativo.  Adjetivos.			3
▪Banda Desenhada	- Identificação e elementos constituintes.	Leitura de ficha informativa sobre as partes constituintes da BD.	Resolução de uma ficha de trabalho para aplicação de conhecimentos.  Teste aos conhecimentos adquiridos (preparação para o teste – p. 59 a 61).	Tipos de frase.			2
						Teste formativo	2

A Professora: Elsa Beira

**ANEXO II - PowerPoint**

---



Escola Básica Integrada de Amareleja  
2011/2012

Língua Portuguesa  
Professora: Elsa Beira

9º Ano



## Os Lusíadas - Luís de Camões



## CAMÕES - A ÉPOCA



Século XVI → época de grande desenvolvimento económico, favorecido pelos Descobrimientos.

- Grandes mudanças:
- Rutura com o pensamento escolástico.
  - Invenção da Imprensa.
  - Desenvolvimento da Técnica.
  - Contestação religiosa.
  - Ciência experimental.
  - Novos ideários políticos (Thomas More - defendia a existência de uma sociedade sem classes; Maquiavel - defendia a existência de um estado nacional centralizado).



## CORRENTES - XVI

### Renascimento → Teorias artísticas:

- caráter imitativo da arte;
- arte é equilibrada;
- conteúdo rico numa forma perfeita;
- caráter universal da arte;
- Herói capaz de autodomínio.



### Humanismo → Homem visto como a medida de todas as coisas.

Teocentrismo → Deus - centro do universo

Antropocentrismo → Homem - centro do universo

### Classicismo → Retorno aos modelos artísticos e literários da Antiguidade Clássica (Gregos e Romanos).



## Afinal... O que são *Os Lusíadas*?

 *Os Lusíadas* são uma narrativa épica.

 **EPOPEIA** → poema em que se faz a narração de um feito heróico, grandioso, de interesse nacional e social. Logo é uma narrativa épica, porque “canta” ações relevantes e heróicas da vida de um povo ou da humanidade.

→ Descoberta do caminho marítimo para a Índia - Vasco da Gama.

### EPOPEIAS ANTERIORES A CAMÕES:

Homero : *Iliada* ; *Odisseia*

Vírgilio: *Eneida*



### ORIGENS DA PALAVRA - LUSÍADAS

LUSO - filho de Baco (deus do vinho), fundou no extremo ocidental da Península, um reino, ao qual deu o nome derivado do seu - Lusitânia.

Romanos - dividiram a Península Ibérica em três províncias - conservando o nome de Lusitânia à região sul do Rio Douro.

XVI - escritores começaram a utilizar a palavra Lusitanos como sinónimo de Portugueses.



## Os Lusíadas

Luís de Camões utilizou Lusíadas para dar nome à sua obra: **Os Lusíadas**, ou seja, Povo de Luso → PORTUGUESES.



### ESTRUTURA EXTERNA

- O poema está dividido em 10 partes - CANTOS.
- Cada canto é constituído por estrofes ou estâncias.
- As estrofes são oitavas (oito versos).
- Cada verso tem 10 sílabas métricas - decassílabo.
- Rima: emparelhada e cruzada.



### ESTRUTURA INTERNA

O poema divide-se em quatro partes:

- Proposição;
- Invocação;
- Dedicatória;
- Narração.



## Proposição

Canto I - as três primeiras estrofes

- Indicação dos propósitos, intenções e objetivos do poema, constitui o resumo daquilo que o poeta se propõe realizar:



cantar os homens ilustres de Portugal;



fazer com que os heróis antigos sejam esquecidos, perante os feitos heróicos dos Portugueses, que serão muito mais bravos e inesquecíveis.



## Invocação

Canto I - estrofes 4-5

→ O poeta pede às divindades que lhe concedam inspiração para poder escrever o seu poema.

 Canto I - Tágides (ninfas do Tejo).

 Cantos II e X - Calíope (musa da poesia épica).

 Canto VII - ninfas do Tejo e do Mondego.



## Dedicatória

Canto I - estrofes 6-18

→ Constitui a parte em que o poeta faz a dedicatória do poema, indicando a quem a sua obra é dedicada: **D. Sebastião**.



## Narração

Canto I - estrofe 19 até Canto X - estrofe 156

→ Corresponde ao corpo da narrativa, ou seja, à parte do poema onde se narram as ações levadas a cabo pelo herói - **Povo Português**.



O HERÓI DE *OS LUSÍADAS* É COLETIVO → POVO PORTUGUÊS, REPRESENTADO POR VASCO DA GAMA.



## Planos Narrativos



**Plano da Viagem** → a viagem de Vasco da Gama e a descoberta do caminho marítimo para a Índia.

De acordo com as regras da epopeia, a ação já está a meio da sua realização, quando o leitor toma contacto com ela (IN MEDIA RES): a armada de Vasco da Gama já se encontra no Oceano Índico (analepse).



**Plano da Mitologia** → a intervenção dos deuses do Olimpo nos acontecimentos.



**Plano da História de Portugal** → é narrada toda a história de Portugal até à época de Camões.



**Plano do Poeta** → intervenções do poeta (corresponde às considerações que o poeta faz sobre os acontecimentos: reflexões, opiniões, críticas, lamentações).

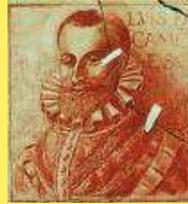


## Narradores de *Os Lusíadas*

 **Camões**, que nos relata a viagem de Vasco da Gama desde Moçambique até à Índia e toda a viagem de regresso (cantos I, II, VI, VII, VIII, IX e X).

 **Vasco da Gama**, que relata, em Melinde, ao Rei de Melinde:

- a viagem desde Lisboa até Moçambique (canto V);
- a História de Portugal (cantos III e IV).



 **fim do princípio!**

**Que as musas camonianas te inspirem!**



---

**ANEXO III - Teste de Avaliação – 8º ano**



*Escola Básica Integrada de Amareleja*



Ano Letivo 2011/2012

Teste de Avaliação - Língua Portuguesa - 8º Ano

Nome: \_\_\_\_\_ Nº: \_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_ Classificação: \_\_\_\_\_

Enc. de Educação: \_\_\_\_\_ Professora: \_\_\_\_\_

## GRUPO I

### Parte A



*Lê atentamente o texto seguinte.*

#### **O VENTO**

Uma criação **Visões Úteis**

um evento-espetáculo a partir do projeto *as histórias de amélia [criações sobre a abundância]*



© Paulo Pimenta

#### **Sinopse:**

O VENTO é um espetáculo com um formato dinâmico que convida à intervenção do público, antecedido por uma oficina criativa dirigida pelos próprios intérpretes, que preparam os participantes para intervir diretamente no espetáculo com ações performativas de expressão sonora, dramática, plástica e de movimento. Os participantes são chamados a tomar decisões que definem uma direção e um desfecho para a história.

O VENTO é um evento-espetáculo que deseja tocar diferentes idades, culturas, passados e presentes.

O VENTO é para todos e é para partilhar com amigos e em família.

**Datas e horário:**

De 22 a 30 janeiro 2011

Segunda a sexta: Sessão de manhã + sessão à tarde (para público escolar mediante marcação prévia)

Sábados e domingos: 16h00 (público em geral)

**Local:**

Sala de Ensaios do Teatro de Ferro

Rua do França, n.º 8 / 58

4400-174 Vila Nova de Gaia

**Duração:** 90 minutos (oficina + espetáculo)

**Público-alvo:**

Escolar: Dos 6 aos 10 anos (1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico)

Geral: Maiores de 4 anos e famílias

**Info e reservas:** (+351) 22 200 6144 / 93 176 54 75 / mail@visoesuteis.pt

**BILHETES**

**Grupos escolares**

**[Segunda a sexta – sessões às 10h30 e às 15h00]**

Preço único: €3,00

**Público geral**

**[Sábado e domingo – sessão às 16h00]**

Bilhete criança: €3,00

Bilhete normal: €7,00

Bilhete com desconto [estudantes, profissionais do espetáculo, maiores de 65 anos, passaporte cultural de Gaia]: €5,00

Bilhete família [2 adultos + 2 crianças]: €5,00 [adultos] e €2,50 [crianças]

**Transportes públicos:**

STCP | 900; 901; 906 – PARAGEM/SAÍDA: CAVES VINHO PORTO

METRO | LINHA D – PARAGEM/SAÍDA: GENERAL TORRES

**Ficha técnica:**

**Direção artística:** Inês de Carvalho | **Dramaturgia:** Alberta Lemos, Ana Vitorino e

Carlos Costa | **Cenografia e figurinos:** Inês de Carvalho | **Desenho de luz e de**

**imagem:** José Carlos Coelho | **Banda sonora original e sonoplastia:** João Martins | **Projeto fotográfico:** Paulo Pimenta | **Interpretação:** Ana Vitorino, Carlos Costa e ainda Alberta Lemos (off) | **Grafismo:** entropiadesign a partir de ilustração de **Manufatura Independente** | **Coordenação técnica e operação:** Luís Ribeiro | **Produção executiva e direção de cena:** Joana Neto | **Assistência de produção:** Helena Madeira | **Produção:** Visões Úteis | **Apoios:** Junta de Freguesia da Afurada, Teatro de Ferro e Centro Português de Fotografia

**Município:** Gaia

**Promotor:** Visões Úteis

**Temática:** Teatro / Serviço Educativo

<http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/>, consulta a 08/03/12

*Responde aos itens que se seguem de acordo com as orientações que te são dadas.*

1.- Classifica cada uma das afirmações seguintes como verdadeira ou falsa, apresentando uma alternativa verdadeira para as frases falsas.

1.1.- O espetáculo anunciado enquadra-se num projeto intitulado «histórias de Amélia».

1.2.- Os espetadores assistem à representação dos atores apenas.

1.3.- Os espetadores não têm qualquer papel na construção da ação do espetáculo.

1.4.- «O VENTO» dirige-se a um público heterogéneo.

1.5.- O desfecho da história é da exclusiva responsabilidade dos atores e do encenador.

1.6.- Na frase «O VENTO é um espetáculo com um formato dinâmico que convida à intervenção do público», o pronome destacado refere-se a «O VENTO».

2.- Selecciona, para responderes a cada item, a única opção que permite obter uma afirmação adequada ao sentido do texto.

2.1.- Só é possível assistir a este espetáculo

a)- nos dias úteis.

b)- ao fim de semana.

c)- exclusivamente às segundas e sextas.

d)- exclusivamente aos domingos.

## 2.2.- «O VENTO» permite ao espetador

- a)- assistir do seu lugar a uma peça de teatro representada num palco.
- b)- assistir e intervir apenas numa peça de teatro.
- c)- participar numa oficina de criatividade e intervir na peça de teatro.
- d)- participar apenas numa oficina de criatividade para construir um guião teatral.

## 2.3.- Neste espetáculo de formato dinâmico

- a)- os cenários são da responsabilidade de Inês Carvalho e um dos atores é Carlos Costa.
- b)- a música é da responsabilidade de João Martins e a direção de atores de Inês Carvalho.
- c)- a produção fica a cargo de *Visões Úteis* e a fotografia de Alberta Lemos.
- d)- a direção de cena fica a cargo de Joana Neto e uma das atrizes é Helena Madeira.

## Parte B

### *Lê, com muita atenção, o seguinte excerto de Falar Verdade a Mentir.*

**Duarte** – Certamente que faz. – Mas é isso que hoje parece mesmo um acinte... não invento senão verdades. – Pois não é minha culpa, Senhor Brás; mas em consciência, está obrigado a dar-me a sua filha.

**General** – Não há dúvida, Senhor Brás Ferreira; é preciso consentir neste casamento. Já não tem mentiras de que o acusar.

**Brás Ferreira** – Excepto a da recebedoria de Santarém.

**General** – Aqui está o decreto. É a prenda de casamento que eu lhe trazia.

**Amália** – Pois é possível?!

**Duarte** – Aposto que é verdade... tudo é verdade hoje. Assim, meu caro sogro, consinta, não há remédio...

**Brás Ferreira** – Estou certo que me enganaram.

**José Félix** – E eu também.

**General** – E eu também... Apesar disso, vamos, consinta...

**Brás Ferreira** – Que lhe hei-de eu fazer? Inda que não seja senão por curiosidade e para saber esta adivinhação.

**José Félix** (atirando com o chapéu) – Viva! A palavra do Senhor Brás Ferreira é letra que não tem desconto. Eu ritorno ai mio mestere e ponho aos pés da minha cara Joaquina... o Senhor Tomás José Marques... Milorde Coockimbroock, e sobre todos, o seu fiel José Félix, criado particular do Excelentíssimo General Lemos.

**Duarte** – Ó maroto, pois eras tu! Brás Ferreira – Faz-te de novas.

*Responde, cuidadosamente e de forma completa, às seguintes questões.*

- 3.- Situa o excerto na peça a que pertence, indicando os antecedentes.
- 4.- As didascálias são importantes no texto dramático.
  - 4.1.- Transcreve, do texto, um exemplo de didascália.
  - 4.2.- Qual a sua função?
- 5.- “(...) *não invento senão verdades*”.
  - 5.1.- Explica o sentido da afirmação.
  - 5.2.- Indica três características que esta personagem revela com esta afirmação.
  - 5.3.- Que importância tem esse vício da personagem no desenrolar da peça?
- 6.- Há na peça uma personagem que tem a faculdade de transformar em verdades todas as mentiras de Duarte.
  - 6.1.- De quem se trata?
  - 6.2.- Que objetivos orientaram a atuação da personagem?
- 7.- De que modo o General colabora na teia de enganos?
- 8.- Atribui, justificando, outro título à peça.

### **Parte C**

- 9.- Tendo em conta a peça *Falar Verdade a Mentir*, diz se as afirmações seguintes são verdadeiras ou falsas. No caso de serem falsas, faz a sua correção.
  - a)- Joaquina não via José Félix há um ano.
  - b)- Joaquina informa José Félix que receberá um dote de cem moedas.
  - c)- Joaquina está apaixonada por José Félix.
  - d)- A linguagem utilizada por Joaquina revela a sua origem social.
  - e)- José Félix desdobra-se em artimanhas para safar Duarte.
  - f)- Brás Ferreira desloca-se a Lisboa para pôr à prova Duarte.
  - g)- José Félix simula ser Tomás José Marques.
  - h)- O General Lemos não confirma as mentiras de Duarte.

## GRUPO II

*1.- Indica o tipo e as formas de cada uma das seguintes frases.*

- a)- O teatro foi criado pelos Gregos.
- b)- O Duarte era cá um mentiroso!
- c)- Brás Ferreira não consentia no casamento da filha.
- d)- Queres ajudar-me Joaquina?
- e)- Desta é que ele não estava à espera!
- f)- Duarte dizia muitos disparates!
- g)- O General assumiu um papel importante no final da peça.
- h)- O dote de cem moedas foi dado pela Amália.
- i)- Duarte, penso que devia parar com esse maldito vício de mentir.
- j)- Não é este o meu primo Francisco Lemos?

*2.- Identifica e classifica os advérbios presentes nas frases seguintes.*

- a)- Certamente, Duarte nunca dirá a verdade!
- b)- Brevemente, José Félix entrará ali para salvar Duarte.
- c)- José Félix disfarçou-se até de General Lemos.
- d)- Duarte falava muito e tropeça nas suas mentiras.
- e)- Porque ajudava Félix o mentiroso Duarte? Talvez para ganhar algo...

*3.- Coloca as frases na voz ativa ou passiva, consoante o caso.*

- a)- Os alunos veem a peça.
- b)- Duarte será expulso pelo futuro sogro.
- c)- Amália reprovou o comportamento do noivo.
- d)- Ele contaria histórias inacreditáveis.
- e)- Joaquina era envergonhada pelo namorado.

*4.- Completa cada uma das frases seguintes, usando, nos tempos indicados, a forma correcta do verbo apresentado entre parênteses.*

- a)- Pretérito imperfeito do indicativo  
Eles não (saber) como resolver a situação.
- b)- Pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo  
José Félix (fazer) tudo para se sair bem.

c)- **Pretérito perfeito do conjuntivo**

Covém que tu (escrever) tudo o que sabes.

d)- **Pretérito imperfeito do conjuntivo**

Se eles (chegar) mais cedo, saberiam tudo.

e)- **Futuro composto do indicativo**

Amanhã, nós já (partir).

f)- **Futuro do conjuntivo**

Se eu (trabalhar), será fácil ter boas notas.

g)- **Presente do indicativo**

Hoje, (ter) teste de Língua Portuguesa.

h)- **Pretérito mais-que-perfeito do indicativo**

Ele (ler) toda a obra.

### GRUPO III

Vão ser apresentadas diferentes problemáticas, deverás escolher **apenas uma delas** e inventar uma mentira bem engendrada para tentares sair da melhor forma possível da situação por ti escolhida.

Deves escrever um texto entre 180-240 palavras, este deve ser redigido sob a forma de diálogo.

**Problemáticas:**

a)- Numa aula de Língua Portuguesa, a professora pergunta a um aluno se leu um determinado livro. Este responde que sim, mas na verdade não o leu. Seguidamente a professora pede-lhe para fazer um resumo oral desse mesmo livro... E agora???

b)- Numa aula, o professor pergunta a um aluno se fez o trabalho de casa, ele responde que sim, mas na verdade não o fez. Seguidamente o professor pede-lhe para corrigi-lo... E agora???

c)- No decorrer de uma aula, um aluno pede ao professor para ir à casa de banho, argumentando que está mesmo aflito. O professor cede, deixando-o ir. Contudo, passados uns minutos um assistente operacional vem trazer esse mesmo aluno à sala de aula, pois este encontrava-se no bar. E agora???



A Professora: *Elsa Beira*

---

**ANEXO IV - Teste de Avaliação – 9º ano**



## Escola Básica Integrada de Amareleja

Ano Letivo 2011/2012

### Teste de Avaliação - Língua Portuguesa - 9º Ano



Nome: \_\_\_\_\_ Nº: \_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_ Classificação: \_\_\_\_\_

Enc. de Educação: \_\_\_\_\_ Professora: \_\_\_\_\_

## GRUPO I

### Texto A

*Lê atentamente o texto que se segue e observa o mapa.*

### Berço da Nação

Viviam-se os alvares da nacionalidade quando duas das cinco primeiras famílias nobres portuguesas, os Sousa e os Ribadouro, se assenhorearam<sup>1</sup> das terras agrícolas que ladeavam o rio Sousa. Na sua peugada, instalaram-se importantes conjuntos monásticos e igrejas paroquiais que rapidamente se converteram em polos sacralizadores<sup>2</sup> das comunidades rurais.

Conscientes deste legado, os municípios de Castelo de Paiva, Felgueiras, Lousada, Paços de Ferreira, Paredes e Penafiel uniram esforços e criaram, em 1998, a Rota do Românico do Vale do Sousa. Dela fazem parte 21 monumentos, como o mosteiro beneditino de Paço de Sousa, onde está o túmulo de Egas Moniz, famoso aio do primeiro rei português, e os memoriais da Ermida e do Sobrado, monumentos funerários de cuja tipologia restam unicamente seis exemplares em Portugal. Uma persistente tradição local associa-os à morte de Santa Mafalda, filha de D. Sancho I, mas não existe fundamento histórico para essa lenda.

Já distinguida em 2009 com o Prémio Turismo de Portugal, a Rota do Românico voltou a ser galardoada com o prestigiado Troféu Internacional de Turismo na Feira Internacional de Turismo e a sua recente inclusão na Transromanica, a maior rede de locais e itinerários românicos na Europa, validou internacionalmente o trabalho em prol da valorização do património do Vale do Sousa, abrindo perspectivas de chegar a públicos mais vastos.

Jorge Nunes, in *National Geographic Portugal*, agosto de 2010



A arquitetura românica do Vale do Sousa é uma expressão distinta do românico português e europeu nos temas e técnicas usadas na ornamentação das entradas, dos frisos e arcos que decoram os espaços religiosos.

#### Vocabulário:

<sup>1</sup>assenhorearam - tornaram-se senhores.

<sup>2</sup>sacralizadores - que atribuem um carácter sagrado a pessoa, coisa ou atos profanos.

*Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.*

1.- As afirmações apresentadas (de A a F) referem-se a acontecimentos históricos relativos ao Vale do Sousa.

Escreve a sequência de letras que corresponde à ordem cronológica desses acontecimentos, do mais antigo para o mais recente.

Começa a sequência pela letra (A).

- (A) Apropriação, por parte de famílias senhoriais, dos terrenos agrícolas.
- (B) Distinção com o Troféu Internacional de Turismo na Feira Internacional de Turismo.
- (C) Criação da Rota do Românico do Vale do Sousa.
- (D) Distinção com o Prémio Turismo de Portugal.
- (E) Construção de monumentos religiosos.
- (F) Inclusão da Transromanica.

2.- Indica a expressão do texto a que se refere “os Sousa e os Ribadouro” (linhas 3 e 4).

3.- Selecciona a opção que permite obter a informação adequada ao sentido do texto.

3.1.- O mapa contém

- (A) a localização geográfica da Rota do Românico do Vale do Sousa.
- (B) a indicação da distância entre as cidades de Braga, Porto e Guarda.
- (C) uma proposta de locais a visitar no Vale do Sousa.
- (D) a indicação dos locais portugueses onde é possível encontrar arquitetura românica.

3.2.- O texto lateral (“*A arquitetura românica... espaços religiosos.*”) tem a função de

- (A) legendar o mapa, identificando os monumentos românicos existentes no Vale do Sousa.
- (B) complementar a informação dada no mapa e no texto.
- (C) resumir a informação do texto.
- (D) explicitar o significado da expressão “*arquitetura românica*”.

3.3.- A expressão “*Conscientes deste legado*” (linha 10) significa que os municípios de Castelo de Paiva, Felgueiras, Lousada, Paços de Ferreira, Paredes e Penafiel

- (A) uniram esforços e criaram a Rota do Românico do Vale do Sousa.
- (B) estão cientes da riqueza do património existente na zona do Vale do Sousa.
- (C) pretendem transformar os conjuntos monásticos das igrejas paroquiais do Vale do Sousa em locais turísticos.
- (D) pretendem criar uma rota de arquitetura romântica com vinte e um monumentos.

3.4.- Na linha 29, “*em prol da*” pode ser substituída por

- (A) contra a.
- (B) a despeito da.
- (C) a favor da.
- (D) por causa da.

### *Texto B*

*Lê atentamente o seguinte excerto de O Auto da Barca do Inferno de Gil Vicente.*



*Vem Joane, o Parvo, e diz ao Arrais do Inferno:*

JOANE Hou daquela!  
DIABO Quem é?  
JOANE Eu sô.  
É esta a naviarra<sup>1</sup> nossa?  
DIABO De quem?  
JOANE Dos tolos.  
DIABO Vossa.  
Entra!  
JOANE De pulo ou de voo?  
Hou! Pesar de meu avô!<sup>2</sup>  
Soma<sup>3</sup>: vim adoecer  
e fui má-hora a morrer,  
e nela pera mi só.  
DIABO De que morreste?  
JOANE De quê?  
Samicas<sup>4</sup> de caganeira.  
DIABO De quê?  
JOANE De cagamerdeira,  
má ravugem<sup>5</sup> que te dê!  
DIABO Entra! Põe aqui o pé!  
JOANE Houlá! Num tombe o zambuco<sup>6</sup>!  
DIABO Entra, tolaço enuco<sup>7</sup>,  
que se nos vai a maré!  
JOANE Aguardai, aguardai, houlá!  
E onde havemos nós d'ir ter?  
DIABO Ao porto de Lucifer.  
JOANE Ha-a-a...  
DIABO Ò Inferno! Entra cá!  
JOANE Ò Inferno? Eramá!<sup>8</sup>  
Hiu! Hiu! Barca do cornudo.  
Pero Vinagre, beçudo,  
rachador d'Alverca, huhá!  
Sapateiro da Candosa!  
Antrecosto de carrapato<sup>9</sup>!  
Hiu! Hiú! Caga no sapato,  
filho da grande aleivosa<sup>10</sup>!

Tua mulher é tinhosa  
e há-de parir um sapo  
chentado<sup>11</sup> no guardenapo!  
Neto de cagarrinhosa<sup>12</sup>!

Furta-cebola! Hiu! Hiu!  
Escomungado nas erguejas!  
Burrela<sup>13</sup>, cornudo sejas!  
Toma o pão que te caío!  
A mulher que te fugio  
per'a Ilha da Madeira!  
Cornudo até mangueira,  
toma o pão que te caío!

Hiu! Hiu! Lanço-te ùa pulha<sup>14</sup>!  
Dê-Dê! Pica nàquela!  
Hump! Hump! Caga na vela!  
Hio, cabeça de grulha<sup>15</sup>!  
Perna de cigarra velha,  
caganita de coelha,  
pelourinho de Pampulha<sup>16</sup>!  
Mija n'agulha, mija n'agulha!

*Chega o Parvo ao batel do Anjo, e diz:*

JOANE Hou do barco!  
ANJO Que me queres?  
JOANE Querês-me passar além?  
ANJO Quem és tu?  
JOANE Samica alguém.  
ANJO Tu passarás, se quiseres;  
porque em todos teus fazeres<sup>17</sup>  
per malícia nom erraste.  
Tua simpreza<sup>18</sup> t'abaste  
pera gozar dos prazeres.

Espera entanto per i;  
veremos se vem alguém  
merecedor de tal bem  
que deva de entrar aqui.

GIL VICENTE, *Auto da Barca do Inferno*

*Responde, cuidadosamente e de forma completa, às seguintes questões.*

4.- O excerto apresentado pertence ao *Auto da Barca do Inferno*.

4.1.- Situa-o na ação da obra a que pertence, justificando a tua opção.

4.2.- Refere o seu assunto.

5.- O Parvo não traz consigo quaisquer adereços nem é feita qualquer referência à sua vida passada. Porquê?

6.- O Parvo tem um destino diferente do das outras personagens.

6.1.- Indica os motivos que fazem com que ele tenha lugar no batel divinal.

7.- No entanto, Joane permanece no cais.

7.1.- Qual foi a intenção de Gil Vicente ao fazê-lo?

8.- No texto estão presentes os diferentes tipos de cómico.

8.1.- Indica-os, retirando um exemplo para cada um deles.

9.- Transcreve um exemplo de eufemismo, explicando a sua expressividade.

### *Texto C*

*Lê atentamente o texto que se segue:*

1

As armas e os barões assinalados,  
Que da ocidental praia Lusitana,  
Por mares nunca de antes navegados,  
Passaram ainda além da Taprobana,  
Em perigos e guerras esforçados,  
Mais do que prometia a força humana,  
E entre gente remota edificaram  
Novo Reino, que tanto sublimaram;

2

E também as memórias gloriosas  
Daqueles Reis, que foram dilatando  
A Fé, o Império, e as terras viciosas  
De África e de Ásia andaram devastando;  
E aqueles, que por obras valerosas  
Se vão da lei da morte libertando;  
Cantando espalharei por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

3

Cessem do sábio Grego e do Troiano  
As navegações grandes que fizeram;  
Cale-se de Alexandro e de Trajano  
A fama das vitórias que tiveram;  
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,  
A quem Neptuno e Marte obedeceram:  
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,  
Que outro valor mais alto se alevanta.

*Luis de Camões, Os Lusíadas*



10.- Redige um texto expositivo, com um mínimo de 70 e um máximo de 100 palavras, em que apresentes as linhas fundamentais de leitura do presente excerto de *Os Lusíadas*.

O teu texto deve incluir:

- uma parte introdutória, na qual identifies o excerto apresentado;
- um desenvolvimento, no qual explicites os objetivos do poeta, transcrevendo um exemplo para comprovar a tua resposta. Deverás indicar a condição necessária para que o poeta possa desenvolver a sua tarefa, bem como comprovar a presença dos quatro planos narrativos.
- uma parte final, em que demonstres qual o apelo feito ao leitor e o seu objetivo, mencionando o herói da Epopeia lusa.

## GRUPO II

*1.- Identifica os fenómenos de evolução fonética.*

- a)- *pede* > *pee* > *pé*
- b)- *clavem* > *clave* > *chave*
- c)- *credo* > *creo* > *creio*
- d)- *mihi* > *mii* > *mi* > *mim*
- e)- *aliquem* > *alquem* > *alguém*

*2.- Indica o processo de formação das seguintes palavras.*

- a)- micro-ondas
- b)- girassol
- c)- paraquedismo
- d)- desesperança
- e)- desleal

*3.- Completa as frases com a forma correta dos verbos entre parênteses.*

- a)- Ela \_\_\_\_\_ (magoar-se) ontem?
- c)- Se nós \_\_\_\_\_ (estudar), talvez \_\_\_\_\_  
(conseguir) ter positiva.
- d)- É preciso que tu \_\_\_\_\_ (esforçar-se) para  
\_\_\_\_\_ (tirar) bons resultados.

- e)- Amanhã, vós \_\_\_\_\_ (ler) *Os Lusíadas*.  
f)- Agora eu \_\_\_\_\_ (pensar) nisso, mas antigamente não \_\_\_\_\_ (defender) tal coisa!

4. *Indica o modo e o tempo utilizados em cada verbo que conjugaste na questão anterior.*

5.- *Indica os tipos de sujeito presentes nas frases seguintes.*

- a)- Diz-se que quem peca vai para o Inferno.  
b)- Nevou bastante no dia da sua morte.  
c)- O Parvo é a personagem mais cómica.  
d)- Fez acusações às outras personagens.  
e)- O Anjo e o Diabo representam o Bem e o Mal.

6.- *Analisa sintaticamente as seguintes frases.*

- a)- O Diabo é irónico.  
b)- Ó belas ninfas do Tejo, ajudai o poeta para que tenha inspiração.  
c)- O Parvo condena sinceramente as almas infelizes no cais.  
d)- Hoje, *Os Lusíadas* são lecionados aos alunos pelos professores porque é a única Epopeia portuguesa.

### GRUPO III

1.- *Escreve um texto narrativo, correto e bem estruturado, com um mínimo de 180 e um máximo de 240 palavras, em que evidencies o provérbio: “Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita”.*



A Professora: *Elsa Beira*

**Bom Trabalho!!!**

---

**ANEXO V – Ficha de Avaliação**

# Escola Básica Integrada de Amareleja

Ano Letivo 2011/2012

## Ficha de Avaliação nº1 - Leitura

Língua Portuguesa

8º Ano

Nome: \_\_\_\_\_ Nº: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Classificação: \_\_\_\_\_ Professora: \_\_\_\_\_

Enc. de Educação: \_\_\_\_\_

Relembrando o que leste sobre a obra **Falar Verdade a Mentir** de Almeida Garrett, completa corretamente as seguintes afirmações, assinalando a opção correcta.

1. O cenário indicado na didascália inicial revela-nos que as cenas se passam:

- a) numa cozinha.
- b) num escritório.
- c) numa sala.
- d) num hall de entrada.

2. Também na didascália estão informações relativas à divisão externa do texto dramático.

Assim, esta peça divide-se em:

- a) 1 Ato e 17 cenas.
- b) 1 Ato e 12 cenas.
- c) 2 Atos e 17 cenas.
- d) 1 Ato e 1 cena.

3. Na cena I ficamos a saber que a ação da peça se desenrola:

- a) na Lourinhã.
- b) na província.
- c) no Porto.
- d) em Lisboa.

4. José Félix não via Joaquina há:

- a) um ano.
- b) cinco meses.



- c) onze meses.
- d) meio ano.

5. A caracterização das personagens em cena é feita sobretudo através das suas falas. Lendo as falas de Joaquina, podemos caracterizá-la como:

- a) apaixonada e culta.
- b) atrevida, mas bem comportada.
- c) tímida e pouco culta.
- d) desembaraçada, mas pouco culta.

6. José Félix é caracterizado por Joaquina como:

- a) ponderado.
- b) atrevido.
- c) tolo.
- d) inteligente.

7. Durante a conversa entre as duas personagens, Joaquina revela a José Félix que:

- a) a sua ama não vai casar.
- b) o seu amo é do Porto.
- c) possui um dote.
- d) a sua ama é filha única.

8. A fala de José Félix “... o amor, o amor verdadeiro não conta os pintos do objecto amado... Não... e é em dinheiro de contado, sonante, Joaquina?

Revela, por parte da personagem:

- a) interesse apenas nos sentimentos.
- b) repulsa em relação ao dinheiro.
- c) sinceridade em relação ao dinheiro.
- d) duplicidade de intenções.

9. Félix mostra-se muito interessado em casar com Joaquina, mas só poderá fazê-lo se:

- a) o patrão de Joaquina o consentir.
- b) a ama de Joaquina também se casar.
- c) o seu patrão o consentir.
- d) conseguir juntar dinheiro para o casamento.



**10.** O casamento de D. Amália parecia bem encaminhado até aparecerem obstáculos levantados pelo(a):

- a) sua criada Joaquina.
- b) seu noivo.
- c) própria D. Amália.
- d) seu pai.

**11.** O principal obstáculo à concretização do casamento é criado por Duarte, cujo principal defeito é:

- a) jogar.
- b) mentir.
- c) beber.
- d) fumar.



**12.** Para ajudar ao casamento de Duarte e Amália, José Félix decide:

- a) aconselhar Duarte a não inventar tantas histórias.
- b) contar tudo o que sabe ao pai de Amália.
- c) fazer-se passar por pessoas incluídas nas histórias de Duarte.
- d) pedir ajuda ao seu patrão.

**13.** Na cena VII, Duarte conta uma história sobre um inglês que viria desafiá-lo para um duelo, porque Duarte:

- a) empurrou um sujeito que lhe caiu em cima.
- b) o esaldou com café.
- c) lhe cobiou a sua esposa.
- d) o fez cair abaixo de uma varanda.

**14.** O almoço requintado a que Duarte se refere na cena VII é mais uma das suas mentiras que se torna realidade devido a:

- a) Brás Ferreira.
- b) Amália.
- c) Joaquina.
- d) José Félix.

**15.** Finalmente, Brás Ferreira acaba por consentir no casamento de Duarte com a sua filha devido à preciosa ajuda de:

- a) Duarte.
- b) Joaquina.
- c) José Félix.
- d) General Lemos.

**16.** Neste caso, podemos dizer que o General Lemos, em relação às mentiras de Duarte, é:

- a) Opositor.
- b) Cúmplice.
- c) Crítico.
- d) Ajudante.



**ANEXO VI – Ficha de Trabalho**

---



## Escola Básica Integrada de Amareleja

Ano Letivo 2011/2012

### Ficha de Trabalho – Língua Portuguesa - 8º Ano

Nome: \_\_\_\_\_ Ano/Turma: \_\_\_\_\_ Nº: \_\_\_\_\_



## Aprender brincando...



1.- Em cada série de palavras existe um intruso relacionado com o texto poético. assinala-o.

<i>a</i>	<i>até</i>	<i>autor</i>	<i>após</i>	<i>ante</i>
<i>contra</i>	<i>desde</i>	<i>cruzada</i>	<i>de</i>	<i>com</i>
<i>em</i>	<i>estrofe</i>	<i>entre</i>	<i>para</i>	
<i>métrica</i>	<i>perante</i>	<i>durante</i>	<i>por</i>	
<i>sob</i>	<i>trás</i>	<i>solta</i>	<i>sobre</i>	<i>sem</i>



1.1.- Coloca na tabela por ordem alfabética as palavras que não foram consideradas um intruso.






4.- Observa agora as palavras seguintes:

*acima de          junto a          debaixo de          graças a          por causa de*

4.1.- Tendo em conta os conhecimentos que possuis sobre as conjunções, achas que os seguintes conjuntos de palavras têm o mesmo nome que descobriste na pergunta 2?

---



---



**Conclusão** → \_\_\_\_\_

---



---

### Contrações



Preposições	Artigos definidos				Artigos indefinidos			
	o	a	os	as	um	uma	uns	umas
a	ao	à	aos	às	-	-	-	-
de	do	da	dos	das	dum	duma	duns	dumas
em	no	na	nos	nas	num	numa	nuns	numas
por	pelo	pela	pelos	pelas	-	-	-	-

Preposições	Det. ou Pron. Demonstrativo			
	aquele	aquela	aqueles	aquelas
a	àquele	àquela	àqueles	àquelas
de	daquele	daquela	daqueles	daquelas
em	naquele	naquela	naqueles	naquelas

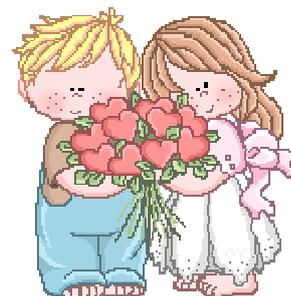
Preposições	Det. ou Pron. Demonstrativo			
	este	esta	estes	estas
de	deste	desta	destes	Destas
em	neste	nesta	nestes	nestas

Preposições	Pronome Demonstrativo
	aquilo
a	àquilo
de	daquilo
em	naquilo

Preposições	Pronome Pessoal			
	ele	ela	eles	elas
de	dele	dela	deles	Delas
em	nele	nela	neles	nelas

5.- Agora que já sabes a matéria que estamos a estudar, vê se consegues descobrir **qual a sua utilidade...**

Para isso, observa atentamente as seguintes frases.



- a)- O António subiu para o autocarro.
- b)- Ele subiu na vida.
- c)- O poder subiu-lhe à cabeça.

5.1.- Sublinha em cada frase a palavra que pertence ao conteúdo de funcionamento da língua que estamos a estudar.

5.2.- Explica a diferença de sentido do verbo nas frases acima mencionadas.

- a)- \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- b)- \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
- c)- \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

5.3.- Agora retira das frases acima transcritas as palavras que sublinhaste na pergunta 5.1.

As frases ficam com sentido?

**Conclusão**

→ \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_



*Boa!  
Conseguí  
descobrir tudo!!!*

---

**ANEXO VII – Produção Escrita**



## Escola Básica Integrada de Amareleja

Ano Letivo 2011/2012

### Ficha de Trabalho – Língua Portuguesa - 8º Ano

Nome: \_\_\_\_\_ Ano/Turma: \_\_\_\_\_ Nº: \_\_\_\_\_

**Produção**



**Escrita**

**Ser Poeta**



**És um bom poeta ou poetisa???**

**Vamos testar já as tuas capacidades!!!**

**Aceitas o desafio?**

Deves elaborar (juntamente com o teu grupo) uma pequena estrofe, onde definas o que é para ti ser poeta. Inicia o teu trabalho poético por: “Ser poeta é...”.

Atenção: A estrofe deve ter entre quatro a seis versos e possuir rima, contudo poderão escolher livremente o tipo de rima a utilizar.

*Ser poeta é...*

---

---

---

---

---

---



---

**ANEXO VIII – Exercício de Compreensão Oral**



## *Escola Básica Integrada de Amareleja*



Ano Letivo 2011/2012  
Teste de Compreensão Oral

Língua Portuguesa - 9º Ano

Nome: \_\_\_\_\_ Nº: \_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_ Classificação: \_\_\_\_\_

Enc. de Educação: \_\_\_\_\_ Professora: \_\_\_\_\_

### 1.- Escuta atentamente e completa as afirmações.

- a) O texto trata do período conhecido por \_\_\_\_\_.
- b) Este período da História da Europa ocorreu aproximadamente entre os séculos \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_, constituindo o final da \_\_\_\_\_ início da Idade Moderna .
- c) Ocorreram mudanças na: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_.
- Passou-se do \_\_\_\_\_ ao capitalismo.
- d) O termo é empregue, sobretudo para dar conta das transformações nas \_\_\_\_\_, na \_\_\_\_\_ e nas \_\_\_\_\_.
- e) O nome deste período foi registado, pela primeira vez, no século \_\_\_\_\_ e tem esta denominação por ir buscar os seus referentes à antiguidade \_\_\_\_\_. Burckhart definiu-o como uma época de «descoberta do \_\_\_\_\_ e do \_\_\_\_\_».
- f) As cidades de \_\_\_\_\_ e de \_\_\_\_\_ são o berço do Renascimento, sendo \_\_\_\_\_ o país onde este movimento foi sempre mais expressivo.



*Escola Básica Integrada de Amareleja*

Ano Letivo 2011/2012  
Teste de Compreensão Oral

Língua Portuguesa - 9º Ano



## TRANSCRIÇÃO

**Renascimento, Renascença** ou **Renascentismo** são os termos usados para identificar o período da História da Europa aproximadamente entre fins do século XIII e meados do século XVII, mas os estudiosos não chegaram a um consenso sobre essa cronologia, havendo variações consideráveis nas datas conforme o autor. Seja como for, o período foi marcado por transformações em muitas áreas da vida humana, que assinalam o final da Idade Média e o início da Idade Moderna. Apesar destas transformações serem bem evidentes na cultura, sociedade, economia, política e religião, caracterizando a transição do feudalismo para o capitalismo e significando uma rutura com as estruturas medievais, o termo é mais comumente empregado para descrever os seus efeitos nas artes, na filosofia e nas ciências.

Chamou-se "Renascimento" em virtude da redescoberta e revalorização das referências culturais da antiguidade clássica, que nortearam as mudanças deste período em direção a um ideal humanista e naturalista. O termo foi registado pela primeira vez por Giorgio Vasari já no século XVI, mas a noção de Renascimento como hoje o entendemos surgiu a partir da publicação do livro de Jacob Burckhardt *A cultura do Renascimento na Itália* (1867), onde ele definia o período como uma época de "descoberta do mundo e do homem".

O Renascimento cultural manifestou-se primeiro na região italiana da Toscana, tendo como principais centros as cidades de Florença e Siena, de onde se difundiu para o resto da península Itálica e depois para praticamente todos os países da Europa Ocidental, impulsionado pelo desenvolvimento da imprensa por Gutenberg. A Itália permaneceu sempre como o local onde o movimento apresentou maior expressão, porém manifestações renascentistas de grande importância também ocorreram na Inglaterra, Alemanha, Países Baixos e, menos intensamente, em Portugal e Espanha, e nas suas colónias americanas.

---

**ANEXO IX – Grelha de Monitorização**



DIRECÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO ALENTEJO  
AGRUPAMENTO VERTICAL DE ESCOLAS DE AMARELEJA

### Monitorização da evolução das classificações / Estabelecimento de compromisso

Disciplinas	ANO LETIVO 2010/2011	ANO LETIVO 2011/2012									
		Nome: _____ Nº / 9º									
	Recolha percentual da classificação obtida no final do 3º período	Classificação percentual que o aluno se propõe obter aquando da reunião Intercalar de 1º período	Recolha percentual da classificação obtida até à reunião Intercalar de 1º período	Classificação percentual que o aluno se propõe obter no final do 1º período	Recolha percentual da classificação obtida na reunião de avaliação de final de 1º período	Classificação percentual que o aluno se propõe obter aquando da reunião Intercalar de 2º período	Recolha percentual da classificação obtida até à reunião Intercalar de 2º período	Classificação percentual que o aluno se propõe obter no final do 2º período	Recolha percentual da classificação obtida na reunião de avaliação de final de 2º período	Classificação percentual que o aluno se propõe obter no final do 3º período	Recolha percentual da classificação obtida na reunião de avaliação de final do 3º período
LP											
MAT											
ING											
CN											
CFQ											
HIST											
GEO											
EV											
TIC											
EF											
FRA											
ESP											
		O aluno _____ Data: _/_/___	O Enc. Educ. _____ Data: _/_/___	O aluno _____ Data: _/_/___		O aluno _____ Data: _/_/___	O Enc. Educ. _____ Data: _/_/___	O aluno _____ Data: _/_/___		O aluno _____ Data: _/_/___	

---

**ANEXO X – Teste Diagnóstico – 9º ano**



## Escola Básica Integrada de Amareleja

Ano Letivo 2011/2012

Teste Diagnóstico - Língua Portuguesa - 9º Ano

Nome: \_\_\_\_\_ Nº: \_\_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Professora: \_\_\_\_\_



### Grupo I

#### *Texto A*

*Lê atentamente o seguinte texto de Miguel Forga. Em caso de necessidade, consulta o glossário.*

O pai queria fazer dele um homem. Por isso, mal o pequeno acabou a 4.ª classe em Pedornelo, Guimarães com ele!

Mas não havia padre Macário capaz de endireitar semelhante criatura. Nem a puxões de orelhas e a golpes de régua se conseguia evitar que o rapaz saltasse a toda a hora pelas janelas do colégio e desaparecesse pelas serras a cabo, aos grilos. Trazia já o vício da terra; mas, com a idade, em vez de a coisa melhorar, piorava.

De palha na mão, era vê-lo à torreira do sol. Metia a sonda em cada agulheiro<sup>1</sup> que encontrava, punha-se a esgravatar, a esgravatar, e o pobre do habitante do buraco não tinha outro remédio senão vir à tona.

Só quando o estômago dava horas das grandes regressava a casa com vinte ou trinta bichos daqueles. O reitor<sup>2</sup> mandava-o ir ao gabinete, punha-lhe a cara num pimentão, mas de pouco valia. No dia seguinte, lá fugia ele outra vez.

Tinha o quarto transformado em viveiro. Em vez de retratos de actrizes e de cowboys, gaiolas de todos os tamanhos dependuradas nas paredes, com folhas de alface e de serradela<sup>3</sup> metidas nas grades. E era num tal cenário que o prefeito<sup>4</sup> o encontrava – quando o encontrava –, abstracto, alheado, fora do mundo.

– A lição?

– Estou a estudá-la...

Na aula a seguir é que a coisa se via: um estenderete<sup>5</sup>!

Contudo, como inexplicavelmente na cadeira do Dr. Rodrigues só tirava vintes, e o professor gozava de grande prestígio entre os colegas, ano sim, ano não, lá passava. A nota de Zoologia podia muito. E os outros mestres, apertados, davam o 10 e desabafavam:

– Vá lá... Como sabe tanto de grilos...

No fim do curso do liceu<sup>6</sup>, Coimbra. Para médico. O pai sonhava com ele em Pedornelo a curar maleitas.

Mas quando, ao cabo de seis anos, o velho julgava que tinha ali o Paracelso<sup>7</sup> dos Paracelsos, a folha corrida<sup>8</sup> do rapaz registava apenas uma enigmática distinção em ciências naturais e reprovações no resto.

Deus não quis, todavia, matar o santo homem com a punhalada duma desilusão. Nas vésperas de o cábula regressar, mandou-lhe piedosamente uma broncopneumonia, que o levou desta para melhor, juntamente com as esperanças que depositara no filho.

E foi assim, herdeiro das ricas terras do pai, e com a Arca de Noé<sup>9</sup> sabida de cabo a rabo, que o Sr. Nicolau voltou definitivamente a Pedornelo.

Andava então pelos trinta anos. Alto, seco, pálido, delicado, veio pôr na veiga<sup>10</sup> e nos montes da terra uma nota que até ali não havia: a mancha lírica dum cidadão de guarda-sol branco a caçar bicharocos.

– O Sr. Nicolau passou bem?

– Bem, muito obrigado, tio Armindo...

E abaixava-se a agarrar uma louva-a-deus. Tirava um frasco do bolso, pegava na infeliz com mil cuidados, não lhe fosse quebrar um braço, e bojo<sup>11</sup> do vidro com ela.

A princípio, todos arregalaram os olhos, num justo e desconfiado espanto. No que dera o filho do Sr. Adriano Gomes! Mas apenas lhes arrendou, por umas cascas de alho<sup>12</sup>, os bens de que passara a ser dono, e o viram contente com a transacção, mudaram de ideias e puseram-se a vender-lhe quantos insectos havia nas redondezas. Bastava chegar ao pé dele e mostrar-lhe uma joaninha, para que a comprasse logo por um tostão. De modo que semelhante maluqueira era uma mina, vista por qualquer lado.

Só o mestre-escola, o velho Sr. Anselmo, que já na instrução primária se vira e desejara para meter naquela cabeça tonta as contas de multiplicar, se mostrava renitente na aceitação de tão grande desgraça. E, quando acabou por dar o braço a torcer, foi desta maneira:

– Enfim, do mal o menos. Se lhe dá para coleccionar burros, tínhamos a aldeia transformada numa estrebaria<sup>13</sup>...

Miguel Torga, «O Senhor Nicolau», *Contos*,  
4.ª ed., Lisboa, Dom Quixote, 2005

## GLOSSÁRIO

1 *agulheiro* – buraco pequeno.

2 *reitor* – director de certos estabelecimentos de ensino.

3 *serradela* – planta tenra, herbácea.

4 *prefeito* – responsável, num colégio, pela vigilância dos alunos durante as horas de estudo.

5 *estenderete* – má figura numa avaliação oral ou escrita.

6 *curso do liceu* – curso que começava no equivalente ao actual 5.º ano e terminava no equivalente ao actual 11.º ano (não existia o 12.º).

7 *Paracelso* – célebre médico e alquimista do século XVI.

8 *folha corrida* – registo das classificações académicas obtidas.

9 *Arca de Noé* – embarcação em que, segundo a Bíblia, Noé se salvou do dilúvio com a família e um casal de cada espécie de animais.

10 *veiga* – terra de cultivo.

11 *bojo* – parte mais larga de um recipiente.

12 *por umas cascas de alho* – por quase nada; a baixo preço.  
13 *estrebária* – abrigo para cavalos e burros; cavalaria.

- 1.- Enquanto estudante, o protagonista viveu em diferentes locais. Identificá-los, associando a cada um deles uma etapa do seu percurso escolar.
- 2.- Nicolau nunca foi bom aluno. Transcreve, para cada etapa do seu percurso escolar, uma frase ou expressão do texto que o comprove.
- 3.- Nicolau, todavia, tinha um interesse que o absorvia inteiramente, quase uma paixão: os insetos. Menciona três diferentes manifestações desse interesse.
- 4.- Relê o 13.º parágrafo do texto (linhas 29-31). A que esperanças se refere o narrador?
- 5.- Após o regresso do Sr. Nicolau a Pedornelo, os habitantes da terra receberam-no com espanto e desconfiança, mas depois mudaram de atitude. Indica o que determinou essa mudança.
- 6.- «Enfim, do mal o menos» (linha 50). Explica o que quis dizer o mestre-escola com este comentário.

### *Texto B*

*Lê com muita atenção o seguinte texto, extraído de um artigo da revista *National Geographic*.*

A diversidade das formas de vida é tão grande que ainda não conseguimos medi-la. Embora nos últimos 200 anos os biólogos tenham descoberto e atribuído nomes a pouco mais de 1,5 milhões de espécies de plantas, animais e microrganismos, deverão existir na Terra, segundo diversos métodos de cálculo, entre 3 e 100 milhões de espécies.

Apesar desta imensa complexidade, ou talvez por causa dela, a biosfera é muito frágil. Este enxame de organismos encontra-se mal equipado para aguentar o assalto inexorável<sup>1</sup> da humanidade contra os *habitats* em que vive. A espécie humana, actualmente composta por seis mil milhões de pessoas e que será, em meados do século, de nove mil milhões, transformou-se numa força geofísica com maior poder de destruição do que as tempestades ou as secas. Ao empurrar as zonas climáticas na direcção dos pólos mais rapidamente do que a flora e a fauna conseguem emigrar, o aquecimento global ameaça a existência de ecossistemas inteiros, entre eles os do Ártico e de outras regiões anteriormente pouco alteradas.

Em geral, os investigadores concordam que as espécies se extinguem actualmente a uma velocidade, pelo menos, 100 vezes (e talvez até 10 mil vezes) mais rápida do que aquela a que as novas espécies vão surgindo. Muitos especialistas crêem que, a manter-se o ritmo actual de alterações

ambientais, metade das espécies sobreviventes em todo o mundo poderá desaparecer até ao final do século.

Haverá essa possibilidade, graças à organização providencial<sup>2</sup> da geografia da vida. Com efeito, a maneira de salvar boa parte do que resta do mundo natural? Existe, pelo menos, biodiversidade não se encontra uniformemente distribuída, uma vez que grande parte dela se concentra num número relativamente pequeno de recifes coralígenos<sup>3</sup>, florestas, savanas e outros *habitats* dispersos por vários continentes e em redor destes. Os biólogos chegaram a acordo sobre o seguinte: se conseguíssemos preservar esses lugares especiais, seria possível continuar a suportar o rápido crescimento da população humana, ao mesmo tempo que se protegia grande parte da fauna e da flora ameaçadas. Entre os mais preciosos desses lugares, estão os pontos quentes, que os biólogos especializados em conservação definem como ambientes naturais onde vive um grande número de espécies em perigo que não existem em mais nenhum sítio.

E. O. Wilson, in *National Geographic*, Janeiro de 2002 (adaptado)

#### GLOSSÁRIO

1 *inexorável* – a que não se pode escapar; implacável.

2 *providencial* – perfeita.

3 *coralígenos* – de coral.

7.- Assinala com X, nas colunas respetivas, as afirmações verdadeiras (V) e as afirmações falsas (F), de acordo com o texto.

Afirmações	V	F
Desconhece-se o número exato de espécies existentes na Terra.		
As tempestades e as secas são as forças geofísicas mais destruidoras do planeta.		
O ritmo a que aparecem novas espécies é suficiente para equilibrar os ecossistemas.		
As espécies distribuem-se igualmente pelos <i>habitats</i> dos vários continentes.		
A salvação do mundo natural depende da proteção das zonas com maior biodiversidade.		
Os pontos quentes são locais onde vivem muitas espécies ameaçadas de extinção.		

8.- Completa cada uma das seguintes frases assinalando com X a opção correta, de acordo com o texto.

8.1. A principal ameaça à biodiversidade é

- a ação dos fenómenos meteorológicos.
- a complexidade das formas de vida.
- a grande fragilidade dos ecossistemas.
- o rápido aumento da população humana.

8.2.- Metade das espécies atualmente existentes pode extinguir-se durante os próximos

- dez anos.
- cem anos.
- mil anos.
- dez mil anos.

9.- Sugere um título adequado ao Texto B.

### Grupo II

1. A seguinte lista de palavras inclui quatro advérbios. Assinala-os com X.

- |                                  |                                   |
|----------------------------------|-----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> com     | <input type="checkbox"/> perante  |
| <input type="checkbox"/> cujo    | <input type="checkbox"/> porém    |
| <input type="checkbox"/> devagar | <input type="checkbox"/> qualquer |
| <input type="checkbox"/> enfim   | <input type="checkbox"/> quase    |
| <input type="checkbox"/> ninguém | <input type="checkbox"/> quem     |
| <input type="checkbox"/> ou      | <input type="checkbox"/> sempre   |

2. Assinala com X os três enunciados da coluna B que estabelecem uma relação de concessão com o enunciado da coluna A.

Coluna A	Coluna B
A Maria vai estudar para Coimbra	<input type="checkbox"/> ainda que preferisse ir para Lisboa.
	<input type="checkbox"/> ao passo que o irmão vai para Évora.
	<input type="checkbox"/> mesmo que os pais fiquem tristes.
	<input type="checkbox"/> assim que acabar o 12.º ano.
	<input type="checkbox"/> embora lhe custe separar-se da família.
	<input type="checkbox"/> para ficar perto do primo.
	<input type="checkbox"/> porque a tia vive lá.
	<input type="checkbox"/> visto que a mãe assim decidiu.

3. Indica a função sintática de cada um dos elementos sublinhados nas seguintes frases.

- a) Há pessoas que consideram os insetos fascinantes.
- b) Os insetos são realmente fascinantes.
- c) O mel é produzido pelas abelhas.

4. Completa as seguintes frases com as formas corretas dos verbos indicados entre parêntesis.

- a) Foste tu que \_\_\_\_\_ (*fazer*) isto?
- b) Foram eles quem \_\_\_\_\_ (*dizer*) isto?
- c) Queres ir ajudar a limpar a mata? A gente \_\_\_\_\_ (*ir*).

### Grupo III

O protagonista do Texto A sempre se sentiu fascinado pelo mundo natural e fez-se colecionador de insetos. Certamente, também já tiveste, ou ainda tens, um interesse muito especial por alguma coisa.

Conta como nasceu esse interesse e como evoluiu, ou se tem mantido, ao longo da tua vida, incluindo na narrativa momentos de alegria, realização pessoal e possíveis aventuras, contrariedades, obstáculos...

Antes de começares a escrever, toma atenção às instruções que se seguem.

- Escreve um mínimo de 140 e um máximo de 240 palavras. Para efeito de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência entre dois espaços em branco (ex.: *Deram-me isto em 1998* - quatro palavras).
- Procura organizar as ideias de forma coerente e exprimi-las corretamente.
  - Revê o texto com cuidado e corrige-o se necessário.



A professora:

*Elsa Beira*



\_\_\_\_\_ **ANEXO XI – Teste de Avaliação Adaptado – 8º ano**



## Escola Básica Integrada de Amareleja

Ano Letivo 2011/2012

Teste de Avaliação (adaptado) - Língua Portuguesa - 8º Ano



Nome: \_\_\_\_\_ Nº: \_\_\_\_ Turma: \_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_ Classificação: \_\_\_\_\_

Enc. de Educação: \_\_\_\_\_ Professora: \_\_\_\_\_

### GRUPO I

#### Parte A

*Lê, com muita atenção, o seguinte excerto de **Falar Verdade a Mentir**.*

**Duarte** – Certamente que faz. – Mas é isso que hoje parece mesmo um acinte... não invento senão verdades. – Pois não é minha culpa, Senhor Brás; mas em consciência, está obrigado a dar-me a sua filha.

**General** – Não há dúvida, Senhor Brás Ferreira; é preciso consentir neste casamento. Já não tem mentiras de que o acusar.

**Brás Ferreira** – Excepto a da recebedoria de Santarém.

**General** – Aqui está o decreto. É a prenda de casamento que eu lhe trazia.

**Amália** – Pois é possível?!

**Duarte** – Aposto que é verdade... tudo é verdade hoje. Assim, meu caro sogro, consinta, não há remédio...

**Brás Ferreira** – Estou certo que me enganaram.

**José Félix** – E eu também.

**General** – E eu também... Apesar disso, vamos, consinta...

**Brás Ferreira** – Que lhe hei-de eu fazer? Inda que não seja senão por curiosidade e para saber esta adivinhação.

**José Félix** (atirando com o chapéu) – Viva! A palavra do Senhor Brás Ferreira é letra que não tem desconto. Eu retorno ai mio mestere e ponho aos pés da minha cara Joaquina... o Senhor Tomás José Marques... Milorde Coockimbrock, e sobre todos, o seu fiel José Félix, criado particular do Excelentíssimo General Lemos.

**Duarte** – Ó maroto, pois eras tu! Brás Ferreira – Faz-te de novas.

Almeida Garrett, *Falar Verdade a Mentir*, Porto, Porto Editora, 2009

*Responde, cuidadosamente e de forma completa, às seguintes questões.*

- 1.- As didascálias são importantes no texto dramático.
  - 1.1.- Transcreve, do texto, um exemplo de didascália.
  - 1.2.- Qual a sua função?
- 2.- “(...) *não invento senão verdades*”.
  - 2.1.- Explica o sentido da afirmação.
  - 2.2.- Indica três características que esta personagem revela com esta afirmação.
  - 2.3.- Que importância tem esse vício da personagem no desenrolar da peça?
- 3.- Há na peça uma personagem que tem a faculdade de transformar em verdades todas as mentiras de Duarte.
  - 3.1.- De quem se trata?
  - 3.2.- Porque é que essa personagem ajuda Duarte?
- 4.- De que modo o General colabora nestas mentiras?

## **Parte B**

5.- Tendo em conta a peça *Falar Verdade a Mentir*, diz se as afirmações seguintes são verdadeiras ou falsas.

- a)- Joaquina não via José Félix há um ano.
- b)- Joaquina informa José Félix que receberá um dote de cem moedas.
- c)- Joaquina está apaixonada por José Félix.
- d)- A linguagem utilizada por Joaquina revela a sua origem social.
- e)- José Félix desdobra-se em artimanhas para safar Duarte.
- f)- Brás Ferreira desloca-se a Lisboa para pôr à prova Duarte.
- g)- José Félix simula ser Tomás José Marques.
- h)- O General Lemos não confirma as mentiras de Duarte.

## GRUPO II

1.- *Indica o tipo e as formas de cada uma das seguintes frases.*

Tipo: declarativo; interrogativo; exclamativo; imperativo.  
Formas: negativa/afirmativa; ativa/passiva; neutra/enfática

- a)- O teatro foi criado pelos Gregos.
- b)- O Duarte era cá um mentiroso!
- c)- Brás Ferreira não consentia no casamento da filha.
- d)- Queres ajudar-me Joaquina?
- e)- Desta é que ele não estava à espera!
- f)- O General assumiu um papel importante no final da peça.

2.- *Coloca no lugar respetivo os advérbios destacados nas frases seguintes.*

- a)- **Certamente**, Duarte nunca dirá a verdade!
- b)- **Brevemente**, José Félix entrará ali para salvar Duarte.
- c)- José Félix disfarçou-se **até** de General Lemos.
- d)- Duarte falava **muito** e tropeça nas suas mentiras.
- e)- Porque ajudava Félix o mentiroso Duarte? **Talvez** para ganhar algo...

ADVÉRBIOS						
Quantidade	Dúvida	Exclusão	Lugar	Tempo	Negação	Afirmação

3.- *Coloca as frases na voz passiva.*

- a)- Os alunos veem a peça.
- b)- O sogro expulsou o Duarte.

4.- *Coloca as frases na voz ativa.*

- a)- Joaquina era envergonhada pelo namorado.
- b)- Duarte é ajudado por José Félix.

5.- *Completa cada uma das frases seguintes, usando, nos tempos indicados, a forma correta do verbo apresentado.*

a)- **Pretérito imperfeito do indicativo**

Eles não sabem / sabiam (saber) como resolver a situação.

b)- **Presente do conjuntivo**

Convém que tu escrevas / escreveres (escrever) tudo o que sabes.

c)- **Futuro do indicativo**

Amanhã, nós partiremos / partiríamos (partir).

d)- **Futuro do conjuntivo**

Se eu trabalhe / trabalhar (trabalhar), será fácil ter boas notas.

e)- **Presente do indicativo**

Hoje, eu tenho / tinha (ter) teste de Língua Portuguesa.

### GRUPO III

1.- *Num texto entre 50 a 80 palavras, inventa outro final para a peça de teatro *Falar Verdade a Mentir*.*

A Professora: *Elsa Beira*



---

**ANEXO XII – Grelha de Avaliação**



ESCOLA BÁSICA INTEGRADA DE AMARELEJA  
ANO LETIVO 2011/2012

Língua Portuguesa

9ª - 1º PERÍODO

ALUNO		Ano Letivo 2011/2012 - 1º Período																							Avaliação		
		Domínio Cognitivo - 80%										Domínio dos Valores 20%										Média Final (Avaliação contínua)	Nota Final	Auto-Avaliação			
		Competências (80%)										Responsabilidade (8%)				Cumprimento de regras (8%)											
Nº	Nome	Leitura 20%			Funcionamentoda língua/CEL 15%		Compreensão Oral 10%	Expressão Oral 10%	Expressão Escrita 25%		Cumprimento de prazos	Realização de tarefas propostas	Pontualidade	Material Necessário	Autonomia (2%): É capaz de realizar tarefas sozinho	Entra e sai corretamente da sala de aula	Participa de forma oportuna e organizada	Respeita os outros	Não se levanta do lugar sem autorização	Cooperação (2%): Colabora positivamente na realização dos trabalhos propostos.	Média Final (Avaliação contínua)	Nota Final	Auto-Avaliação				
		1ºT	2ºT	3ºT	1ºT	2ºT	1ºT	10%	1ºT	2ºT	2%	2%	2%	2%	2%	2%	2%	2%	2%	2%							
1		51,00	64,50	50,00	64,00	60,00	55,00	50,00	56,70	60,00	0,50	1,00	1,50	1,00	1,00	1,00	0,50	1,00	0,50	2,00	0,50	55,42	3	3			
2		38,00	56,50	36,70	75,60	74,10	50,00	50,00	50,00	56,70	1,00	2,00	1,50	1,00	0,50	1,00	0,50	1,00	2,00	0,50	54,31	3	3				
3		32,00	26,50	38,30	61,90	47,90	50,00	50,00	50,00	40,00	0,00	1,50	1,50	1,00	0,50	1,00	0,50	0,50	2,00	0,50	44,94	2	2				
4		47,00	52,50	43,30	61,60	78,80	50,00	0,00	46,70	43,30	0,00	1,00	1,50	1,00	0,50	1,00	0,50	1,00	2,00	0,50	45,30	2	2				
5		45,50	20,50	41,70	73,10	25,65	60,00	0,00	60,00	40,00	0,50	0,50	1,00	1,00	2,00	1,00	0,50	0,50	2,00	0,50	42,59	2	2				
6		64,50	65,50	66,70	73,30	89,40	60,00	60,00	60,00	66,70	2,00	2,00	1,50	1,00	1,50	1,00	1,50	1,00	2,00	1,00	67,65	3	3				
7		51,00	54,50	58,30	37,70	73,80	55,00	55,00	36,70	36,70	0,50	2,00	1,50	1,00	1,00	1,00	0,50	1,00	2,00	0,50	50,46	3	3				
8		41,00	52,00	46,70	79,70	58,50	60,00	0,00	56,70	55,70	0,50	1,00	1,50	1,00	1,00	1,00	0,50	2,00	1,00	0,50	50,23	3	3				
9		29,50	38,50	45,00	71,90	81,00	45,00	40,00	46,70	40,00	0,50	1,50	1,50	1,00	0,50	1,00	1,00	0,50	2,00	0,50	48,34	2	2				
10		76,00	75,00	85,00	82,20	86,30	70,00	50,00	70,00	76,70	2,00	1,50	1,50	1,00	1,50	1,00	1,50	1,00	2,00	1,50	73,21	4	3 ou 4				
11		58,00	61,00	50,00	79,60	65,70	60,00	40,00	66,70	80,00	1,00	1,50	1,50	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	2,00	1,00	62,50	3					
12		75,00	87,00	81,70	97,20	97,50	70,00	65,00	76,70	80,00	1,50	2,00	1,50	1,00	1,50	1,00	1,50	1,00	2,00	1,50	78,44	4	4				
13		34,00	58,50	61,70	49,00	62,20	50,00	40,00	43,30	40,00	0,00	1,00	1,50	1,00	0,50	1,00	0,50	0,50	2,00	0,50	46,53	2	3				
14		42,50	76,00	61,70	88,40	86,90	60,00	65,00	46,70	66,70	1,00	1,50	1,50	1,00	1,50	1,00	1,50	1,00	2,00	1,50	65,34	3	3				
15		35,00	36,50	46,70	68,80	77,50	50,00	0,00	30,00	36,70	0,00	1,00	1,50	1,00	0,50	1,00	0,50	0,50	2,00	0,50	40,69	2	3				
16		54,00	80,50	53,30	84,00	93,50	60,00	70,00	70,00	80,00	2,00	1,50	1,50	1,00	1,00	1,00	1,50	1,00	2,00	1,00	71,08	4	3				
17		66,00	39,00	66,70	86,00	88,80	60,00	60,00	50,00	60,00	1,00	2,00	1,50	1,00	1,50	1,00	1,50	1,00	2,00	1,50	64,31	3	3				
18		53,00	59,50	70,00	66,10	86,00	60,00	60,00	60,00	63,30	1,00	2,00	1,50	1,00	1,50	1,00	1,50	1,00	2,00	1,50	64,99	3	3				
19		66,00	76,50	78,30	83,50	95,00	70,00	65,00	70,00	76,70	2,00	2,00	1,50	1,00	1,50	1,00	1,50	1,00	2,00	1,50	74,95	4	4				
20		31,00	59,00	60,00	74,30	48,80	50,00	45,00	56,70	40,00	1,00	1,50	1,50	1,00	0,50	1,00	0,50	0,50	2,00	0,50	50,82	3	3				
21		40,00	34,50	35,00	56,90	58,80	50,00	40,00	56,70	36,90	0,50	1,50	1,50	1,00	0,50	1,00	0,50	0,50	2,00	0,50	46,18	2	2				
22		42,00	50,50	50,00	62,80	56,30	55,00	40,00	53,30	60,00	2,00	1,50	1,50	1,00	1,00	1,00	0,50	2,00	1,00	0,50	54,60	3	3				

